

ART E
D A
PINTURA,
S Y M M E T R I A,
E
P E R S P E C T I V A,
C O M P O S T A
P O R
FILIPPE NUNES,
Natural de Villa-Real.

Novamente impressa, com boas Estampas, correctã, e accrescentada com o seu Index.

L I S B O A,
Na Officina de Joaõ Baptista Alvares.

MDCCLXVII.

Com as licenças necessarias.

PROLOGO

Aos
PINTORES.



QUANDO aprendi estes principios, e prática da Pintura, não foi minha tenção sabendo com ella a luz ensinar aos Sabios, e Peritos na Arte, mas só aos que a aprendem, e aos curiosos della. Moveo-me a isto ver a falta, que ha de quem trate esta materia, e assim quiz dar motivo aos que mais sabem, de sabirem a luz com mais experiencias, para que assim não custe tanto aos aprendizes, a quem ordinariamente os Mestres escondem os segredos da Arte, e para que assim mais depressa se saiba. Por onde lhes digo aqui brevemente o mais commum, e que mais commummente se costuma a usar; porque usando irão descobrindo mais segredos. Para os Mestres po-

*dem servir os principios da Perspecti-
va , por serem tão importantes para
o bom ujo della , e juntamente a Sym-
metria , de que ha tanta falta nos li-
niamentos , que ainda Pintores , que sa-
bem muito bem colorir , os não sabem,
donde vem haver tantas imperfeicoens
nas figuras. Emende , e accrescente
quem souber , e aprenda quem não sou-
ber , e todos dem gloria ao Senbor. Qui
vivit , & regnat per omnia sæcula sæ-
culorum.*

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

PO'de-se reimprimir o livro, que se apresenta, intitulado: *Arte da Pintura*, e depois voltará conferido, para se dar licença que corra; e sem ella não correrá. Lisboa 18. de Setembro de 1767.

Carvalho. Thorel.

DO ORDINARIO.

PO'de-se reimprimir, e depois conferido tornará, para se dar licença que corra; e sem ella não correrá. Lisboa 19. de Setembro de 1767.

Coelho.

DO P A C, O.

Que se possa reimprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois tornará para se dar a licença de correr; sem a qual não correrá. Lisboa 25. de Settembro de 1767.

*Affonseca. Pacheco. Castro.
Craesbeck. Viegas.*

INDEX

DO QUÊ SE CONTEM
neste livro.

L Ouvres da Pintura.	pag. 1.
Principios da Perspectiva, necessarios para a Pintura.	16.
Segundo principio.	20.
Exemplo.	ibid.
Outro principio.	21.
Outro principio.	23.
Exemplo.	24.
Outro principio.	26.
Exemplo.	27.
Outro principio.	ibid.
Exemplo.	28.
Outro principio.	29.
Outro principio.	30.
Arte da Pintura.	31.
Que cousa seja sombra, e luz na Pintura, e onde se dão.	32.
Symmetria das partes, em que se divide hum corpo humano, na Pintura, e Escultura.	35.
Symmetria de João Darfe.	ibid.
Ex-	

I N D E X.

<i>Exemplo.</i>	37.
<i>Symmetria dos Meninos.</i>	38.
<i>Exemplo.</i>	40.
<i>Symmetria de Daniel Barbaro.</i>	41.
<i>Exemplo.</i>	42.
<i>Symmetria de Vitruvio.</i>	43.
<i>Symmetria de Alberto Dureiro.</i>	46.
<i>Exemplo.</i>	50.
<i>Nomes das tintas, que se lavrão a oleo.</i>	51.
<i>Modo para apparelhar panno, e ma- deira para a pintura.</i>	ibid.
<i>De todo o modo de seccante.</i>	54.
<i>Modo de usar o Falde a oleo.</i>	56.
<i>Modo de usar o Espalto.</i>	ibid.
<i>Modo de fazer Verdes.</i>	57.
<i>Modo de usar o Alwayade, e Cinzas.</i>	ibid.
<i>As mesclas das côres como se fazem.</i>	58.
<i>Sombras para os rostos.</i>	ibid.
<i>Para fazer oleo graxo.</i>	59.
<i>Como se faz o polimento.</i>	60.
<i>Para purificar oleo de Linbaça para o Alwayade, e Azuis.</i>	61.
<i>Modo de regraxar.</i>	62.
<i>Modo de fazer Cambiantes.</i>	63.
<i>Azul Ultramarino como se lava.</i>	ibid.
<i>Como</i>	

I N D E X.

<i>Como se faz Mordente para dourar.</i>	64.
<i>Para perfilar.</i>	ibid.
<i>Pintura á tempera.</i>	65.
<i>Como se apparelha o panno, ou madeira.</i>	66.
<i>Modo, que se ha de guardar no campir do painel.</i>	67.
<i>Modo de colorir em commum.</i>	69.
<i>Pintura a fresco.</i>	71.
<i>Pintura de Illuminação.</i>	75.
<i>Nomes das tintas, que servem para a Illuminação.</i>	ibid.
<i>Modo como se lavão as tintas.</i>	76.
<i>Como se fazem as mesclas das côres.</i>	78.
<i>Como se assombrão as côres.</i>	79.
<i>Outro modo das sombras, e realços.</i>	80.
<i>Comma, como se concerta para illuminar.</i>	ibid.
<i>Para moer ouro para illuminação.</i>	81.
<i>Para fazer côr Roseta.</i>	82.
<i>Para Brasil.</i>	ibid.
<i>Para Catafol.</i>	83.
<i>Para fazer Verde Bexiga.</i>	84.
<i>Para fazer Verde Lirio.</i>	ibid.
<i>Vermelhão, como se concerta, e faz.</i>	85.
<i>Gomma para o. Azul.</i>	86.
<i>Como</i>	

I N D E X.

<i>Como se destempera o Azul.</i>	87.
<i>Verdete, como se faz, e se usa.</i>	ibid.
<i>Como se faz o Alwayade.</i>	89.
<i>Como se faz o Zarquão.</i>	90.
<i>Para assentar ouro em seda, papel, ou pergamimbo.</i>	ibid.
<i>Para assentar ouro em pedra, pao, vidro, e couro.</i>	92.
<i>Para estofar huma figura.</i>	98.
<i>Para fazer hum painel com tres fi- guras, que huma só appareça á vista.</i>	99.
<i>Para fazer hum painel, do mesmo mo- do, com duas figuras.</i>	101.
<i>Exemplo.</i>	ibid.
<i>Outra invenção destas figuras.</i>	102.
<i>Outra invenção destas figuras.</i>	103.
<i>Exemplo do sobredito.</i>	106.
<i>Modo facil para copiar huma Cidade, ou qualquer cousa.</i>	ibid.
<i>Outro modo.</i>	109.
<i>Outro modo de copiar.</i>	110.
<i>Para fazer vernis.</i>	111.
<i>Outro modo.</i>	ibid.
<i>Para fazer betume de imbutir, que pareça marchetado.</i>	112.
<i>Para</i>	

I N D E X.

<i>Para fazer tinta preta para pergaminho.</i>	113.
<i>Outro modo.</i>	ibid.
<i>Outro modo para pergaminho.</i>	114.
<i>Outro modo.</i>	115.
<i>Outro modo , e mais commun.</i>	ibid.
<i>Tinta para pergaminho.</i>	116.



LOUVORES DA PINTURA.

HE a Pintura huma Arte tão rara , e tem tanto que entender , e mostra tanta erudição , que deixo de lhe chamar rara , por lhe chamar quasi Divina , e não digo muito ; pois he tão rara , e excellente , que toca quasi a conhecimento Divino , ter na mente tão vivas as especies das cousas ; que assim se pôssão pôr em prática , e Pintura , que parece que lhe não falta mais que o espirito. Testimunho desta verdade he aquella historia celebrada da contenda de Zeuxis , Heraclotes com Parrhasio , como conta Plinio *lib.35. cap.10.* que pintou com tanta propriedade hum

A

cesto

cesto de uvas , que as aves do Ceo se
vinhão a ellas cuidando que são ver-
dadeiras ; e a toalha , que Parrasio pin-
tou , tanto ao natural , que enganou
com ella o mesmo Zeuxis.

Budeo *in l. Athletas, ff. de his, qui
notantur infamia* , diz que houve an-
tigamente Pintores tão insignes , que
não só fazião Iconicas imagens , senão
tambem as Ethicas. Chama Iconicas
imagens , porque era costume em a Ci-
dade Olympia , donde se differão jogos
olympios , que áquelles , que vencião
tres vezes a estes, lhes fazião retratos do
tamanho do seu corpo, e muito ao natu-
ral , a estas chamão Iconicas, e as Ethic-
cas quer dizer que mostravão ao vivo
os costumes , e natureza de cada cousa.

Não só deleita , e agrada aos olhos
a Pintura , mas faz fresca a memoria
de muitas cousas passadas , e nos mo-
stra diante dos olhos as historias mui-
to tempo ha acontecidas. Serve mais
a Pintura , que vendo pintadas as fa-
çanhas , e casos illustres , nos excita-
mos , e animamos para commetter ou-
tros

rios semelhantes, como se as leramos
 em historiadores. S. Damasceno *fidei
 orthod. cap. 17.*, e S. Greg. *lib. 9. Episc.
 9. ad Serenum Episc.* fallando a este
 proposito, diz assim: *Sunt quidem
 pictura indoctorum hominum libri,
 & scriptura, nam quod legentibus
 scriptura, hoc idiotis præstat pictu-
 ra cernentibus: in ipsa & ignorantes
 vident quod sequi debeant, & in ipsa
 legunt qui literas nesciunt.* E isto de
 S. Gregorio fortalece, e corrobora o
 segundo Synodo Niceno, *act. 2. & 4.*
 aonde próva com ditos de Sanctos co-
 mo a Pintura boa, e de doutos Pin-
 tores (que a Pintura roim serve de ri-
 zo a quem a vê) he mais poderosa para
 mover o affecto, que a historia. S. Chry-
 sost. *orat. quod vet. & nov. test. unus
 fit legislator*, diz que teve sempre em
 muita estimação huma pintura, que ti-
 nha colorida com côres de cera. E
 S. Gregorio Nisseno, *orat. de unit. Fi-
 lij, & Spiritus Sancti*, diz de si, que
 muitas vezes pôs os olhos em hum pai-
 nel, em que estava pintado o Sacrificio

de Abrahão , e que jámais o vio sem
lagrimas , lembrando-se da historia ver-
dadeira ; *Vidi sepius* (diz elle) *in-
scriptionis imaginem , & sine lacrymis
transire non potui , cum tam efficaci-
ter pictura ob oculos poneret historiam.*

Ainda os Philosophos antigos, para per-
suadirem aos homens a deixarem as
delicias , pintarão huma taboa com as
Virtudes , que todas estavam servindo
como criadas (sendo Virgens , e mui-
to formosas) a huma Rainha muito
fêya , a qual estava em hum throno al-
to , e muito apartado , e se chamava
Voluptas , o deleite do peccadô ; pa-
ra darem a entender quão abominavel
era aos homens servirem a quem tão
mal o merecia ; e assim quando que-
rião reprehender quem não vivia bem ,
lhe punhão diante dos olhos esta ta-
boa , da qual faz menção Cicero *lib. 2.
de finibus* , e diz que a pintou Clean-
tes Stoico. Donde se podem repre-
hender os Hereges , que pertendem
tirar o culto , e uso das imagens , e
das pinturas , pois até os Antigos en-
tendião

Arte da Pintura. 5

tendião de quanta importancia erão.

A authoridade, e estima, em que se teve antigamente esta Arte, se póde vêr do que diz Plínio *lib. 35. à cap. 1. usque ad decimum.* De Phamphilo se refere, que jámais quiz ensinar o discipulo, que lhe não desse dez annos, e hum talento attico, que agora em nossa moeda he seiscentos cruzados; tudo isto lhe deo Apelles, e Melanthio, por serem seus discipulos, e com o exemplo de tão grandes Mestres procedeo em Sicyone, Cidade antiquissima junto a Corintho, e celebrada pela imagem da Occasião, que fez Lisippo depois em toda a Grecia, que os moços antes de saberem alguma Arte os ensinavão a debuxar em taboas de buxo, que para isto tinhão concertadas, ao modo que hoje costumão os Ourives ensinar aos que aprendem o officio; e tudo isto era para effeito de fazerem que esta Arte tivesse o primeiro lugar entre as liberaes, porque sempre foi tratada de excellentissimos engenhos.

Te-

6 *Arte da Pintura.*

Tenhão os Pintores lugar muito honrado; (diz F. Patricio, de instit. Reipub.) porque com a honra d'elle se animem a procurar mayores honras, e assim dêem tambem animo aos que houverem de aprender tal Arte, como diz o Poeta: *Honor alit artem, &c.* Não se pejou, nem envergonhou aquelle grande Fabio, Patricio Romano, do qual se dizia que vinha por linha direita do grande Hercules, nem se desprezou de a aprender, e usar, e tanto, que della tomou o sobrenome, chamando-se Fabio Pictor. Nem a desprezou Marco Antonio Imperador dou-tissimo, pois a aprendeo, e exercitou com o Pintor Diogenes. Tambem lêmos de Platão, que nella se exercitou, e foi curiosissimo della. Cicero diz della, que sempre lhe foi affeição-do. Alexandro a iouva grandemente, e manda que os mocos se dêem a ella, e a aprendão. O glorioso S. Lucas nella se exercitou, &c. Serve esta Arte à Escultura, Celatura, e Architectura, que sem ella nada se póde debuxar,

Quaes

Arte da Pintura. 7

Quaes fossem os primeiros Pintores, e de quaes forão as obras antigamente mais estimadas, se póde vêr em Plinio no lugar acima allegado, desde o primeiro capitulo até os onze. Os primeiros, que começárão a usar huma só côr com que pintavão, que a natureza lhes ensinou sem arte, foi Polignoto, e Aglaophon; antes destes houve outros, dos quaes se não diz bem da sua pintura, pois era necessário pôr hum letreiro sobre o que pintavão, para se divisar que cousa era, porque pelas sombras, que as cousas fazião, por alli debuxavão: destes foi hum delles Canacho, e hoje póde ser haja muitos. Tambem houve outro chamado Calamides, do qual diz Cicero que já pintava melhor que Canacho. As pinturas de Mioron já hião sendo melhores: e dahi por diante sempre foi melhorando a Arte até o tempo de Prothogenes, Actião, Nicomacho, e Apelles, e acabárão de perfeiçoar a Arte, segundo lhes parecia, aindaque depois se achárão, e inventárão muitas cousas;

fas ; porque Zeuxis , e no mesmo tempo Parrhasio (que viverão no tempo de Socrates) muitas cousas accrescentarão á Arte ; porque a Zeuxis attribuem os claros , e escuros , e as luzes nas figuras , e foi tanto o que ganhou com suas pinturas , que já as não vendia , mas as dava , dizendo que não havia preço igual a ellas , e fez o seu nome de letras de ouro , que pôs na Cidade Olympia , celeberrima por ser frequentada de todos os bons engenhos. Parrhasio foi o que lançou as linhas subtilmente , e ajuntou á pintura certas cousas de Geometria , e foi o primeiro , que deo á pintura Symmetria , ainda que Plinio diz foi Polycleto , que fãõ as medidas , e commensuraçoens ; e foi o primeiro , que deo a perfeição aos cabellos , e á boca , e nisto levou a palma a todos. Entre as suas obras de fama , foi o Archigallo , que era o principal dos Sacerdotes de Cybeles , de quem dizião que era a grande mãe dos Deoses , pintura tão estremada , que deo por ella o Principe Tiberio

feiscen-

seiscentos sestercios , que em nossa moéda he perto de mil cruzados.

Tambem Aristides Thebano foi Pintor insigne , e igual quasi a Apelles , como diz Plinio. Este foi o que de hum certo modo dava vida á pintura , porque nella estava declarando todos os sentidos. ElRey Attalo teve huma taboa sua , que comprou por cem talentos. E Cesar dictador teve duas taboas do mesmo official , que lhe custarão oitenta talentos.

Filippe Macedonio , e seu filho Alexandre , muitas vezes se achavão na tenda de Apelles , pela grande recreação , que tinham em vêr pintar , e por tanto floreceo esta Arte tanto em seus tempos. De Apelles diz Plinio que não lavrava mais que com quatro cores sómente , e o mesmo Alexandre Magno mandou que nenhum Pintor o ouzasse retratar , senão só Apelles. Delle diz Plinio muitas cousas. Não foi menor Thimantes na pintura de Iphigenia ; que pintando a todos tristes , pintou a Agamemnon , pay della , com a cabe-

a cabeça virada , pela grande tristeza , que se divisava mais nelle , que nos outros ; sendo assim , que a todos pintou tristissimos.

São os Pintores de jure privilegiados , e pelo conseguinte nobres. Text. *in leg. Archiatros. C. de metalis. lib. 12.* E esta Arte , como *tendit ad ornatum Ecclesie* , sempre se pôde exercitar , aindaque haja prohibçoens , como diz Bart. *in leg. prima , ff. ne quid in loco sacro fiat.*

Valentiniano , Valente , e Graciano Imperadores privilegiarão aos Pintores , *leg. Pictura , C. Theod. de excusat. artificum lib. 13. Picturae professores, si modo ingenui sunt , placuit nec sui capitis censeantur , nec uxorum , aut liberorum nomine tributis esse munificos ; & nec servos quidem barbaros in censuali adscriptione profiteri , &c.*

Os professores da Pintura , sendo livres , e filhos de livres , havemos constituido que não sejam empadroados por sua cabeça , nem que em nome de suas mulheres , e filhos estejão sujeitos
aos

aos tributos, que não sejam obrigados a registrar seus escravos barbaros no registro censual, &c.

De tudo o que está dito se prova claramente ser esta Arte numerada entre as liberaes; porque, se começarmos pela definição, Artes liberaes se chamão, por serem Artes com que se exercita o entendimento, que he a parte livre, e superior do homem; ou Artes dignas de homens livres, e tambem liberaes, porque só se permittião a homens livres. E se ellas se chamão liberaes, porque nellas se exercita o entendimento; aonde entra mais o entendimento com todas suas operaçoens a apprehender, compôr, julgar, e discorrer, que na Pintura? He em toda Architectonica porque se estende a significar perfeitissimamente, e dar razão de todas as obras, que fazem todas as outras Artes, e Officios. E se se chamão liberaes, porque só se permittião a homens livres, sabemos que entre os Romanos lhes era prohibido aos nobres usarem de Artes mechanicas, e desta

desta usavão públicamente: logo se fora
 mechanica não se usara, e que se usasse
 públicamente prôva a historia de Fabio
 Pictor, já referida: E sabemos que a
 usou tambem o Imperador Alexandro
 Severo, de quem foi Tutor, e Mestre
 o melino Vulpiano Jurisconsulto, Au-
 thór desta mesma ley, e a usarão ou-
 tros muitos. E se se chamão liberaes,
 porque são Artes de entendimento, ne-
 nhuma das outras tem tanto que apren-
 der, como a Pintura; porque as ou-
 tras em breve tempo se chega a ter co-
 nhecimento perfeito dellas: mas a Pin-
 tura, por mais que se trate, e curse nel-
 la, jámais se chega a penetrar todos
 os segredos della, como diz Quintilia-
 no *Orat. instit. lib. 12. cap. 10.* E isto
 significão os Pintores quando põem ao
 pé das figuras, *faciebat*, ou *pingebat*,
 usando deste preterito imperfeito, por-
 que nenhum pôde chegar ao preterito
 perfeito, porque sempre ha que fazer,
 e que saber. Dónde veyo o proverbio
 Latino: *præstat medicum esse, quam
 pictorem*, melhor he ser Médico, que
 Pin-

Pintor. Differão isto pêla grande prolixidade, que tem esta Arte comfigo, e tambem porque as faltas na Pintura logo se deixão vêr, e na Medicina não: porque se hum Medico acerta a cura, he louvado por isso; mas se a erra, e mata hum homem, a terra cobre tudo, e não apparecem seus defeitos.

Donde parece que he mais que a Medicina; porque, além das razoes ditas, se he necessário conhecer as ervas, pedras, plantas, muito mais he necessário á Pintura, pois as ha de pintar ao natural, para se conhecerem, e nisto depende tambem a Medicina da Pintura: e se não, vejão a Dioscorides, que lhe aproveitára tratar de ervas, e plantas para a Medicina, se a Pintura não mostrára ao olho o que a penna por si só não podia. E o mesmo digo da Arithmetica, Geometria, e Perspectiva, que parece que todas se incluem nella, e lhe são subalternadas nisto, que he formar figuras, e dar a conhecer os pensamentos, pois tudo vay por demonstraçoens, e essas não se podem

podem fazer sem debuxo, e pintura; donde se infere, que ellas são como rudimental, e principios, para se conseguir perfeitamente o fim da pintura. Donde Plinio *lib. 35. cap. 10.*, diz assim, fallando do Pintor Pamphilo: *Primus in pictura omnibus literis eruditus, præcipue Arithmetice, & Geometricæ, sine quibus negat artem perfici.* E assim os Egypcios, como refere Cornelio Tacito *lib. 11. Annal.*, primeiro declararão seus conceitos por meyo da Pintura de animaes; mas por ser cousa mais facil para todos, vierão a usar do debuxo, e caracteres de letras.

Confórme ao costume de Hespanha, he liberal esta Arte; porque estando estabelecido por ley del Rey D. João Segundo de Castella, que os Cavalheiros armados, para gozar de seus privilegios, não usassem de officios baixos, e particularizando todos, não nomea a Pintura, *l. 3. tit. 1. lib. 6. novæ recop.* E nas pragmaticas sobre trazer sedas, *lib. 2. tit. 12. li. 7.*, torna a contar os officiaes, que a não podem trazer, e
 não

não conta entre elles aos Pintores. Logo se prova bem, que he contada entre as liberaes, e que seja nobre não ha duvida alguma; porque o he por todas as tres nobrezas: pela natural; porque produz grandes effeitos de virtude; (porque quem ha, que vendo hum Christo crucificado, se não compunja? o que está provado acima de S. Gregorio Niffeno) pela nobreza Theologica, e divina; porque produz effeitos sobrenaturaes, e divinos, de piedade, caridade, e religião: pela nobreza politica está tão claro, que não tem necessidade de prova. Plinio chama aos professores desta Arte nobres Pintores, o qual epíteto não se concede aos que usão as artes mechanicas. Chama-se nobre, porque ajuda com sua arte a incender os animos para ganhar nobreza, nome, e fama, como já fica provado. Galeno *in exercit. ad bonas artes*, diz que se póde ajuntar ás liberaes. Seneca; *lib. de studijs liberalibus*, dá a entender que se tinha por liberal em seu tempo. Alexandro

8. *polit.*

8. *polit. c. 1. & sequent.* Plutarc. *lib. de audient. poet. & lib. de gloria Athen.* & *in vita Arat.* Quem quizer ver mais louvores da Pintura, veja Plinio nos lugares allegados. Veja F. Patricio *de laude Pictorum*, e Textor *in officina cap. pictores diversi*, e Budeo, e muitos outros, e entre os modernos ao Licenciado Gaspar Guterres de los Rios, na sua *Noticia geral lib. 3.*, e ao Padre Fr. Jeronymo na sua *Repub. Gentilica*, e Thomás Garçon na sua *Practica universal, disc. 90.* com outros, que ahi cita.

Principios da Perspectiva, necessarios para a Pintura.

PRimeiro que tratemos da Pintura, havemos de presuppôr alguns principios da Perspectiva, como couza muito necessaria para a Pintura. O sujeito da Perspectiva são as linhas visuaes, e desta ha duas espécies. A primeira he pelas quaes procedem os raios direitos sem se quebrar, por meyo dos

dos quaes se faz a visão direita. A segunda he daquellas linhas, pelas quaes caminhão os rayos, que se quebrão, ou se dobrão, por meyo dos quaes se vem as cousas obliquamente. Daqui nascem duas partes da Perspectiva, segundo que ella se considera com estas duas especies de linhas visuaes, e a primeira se chama *Optica*, como abaixo diremos. E a segunda se chama *Specularia*, da qual não he nosso intento tratar.

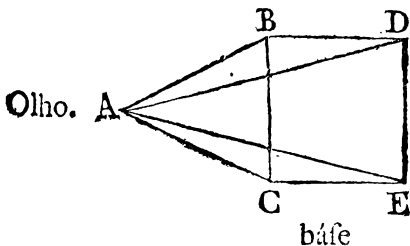
O modo de ver he de tres sortes, por visão direita, ou reflexa, ou refracta. A visão direita he, quando o rayo visível do olho á cousa vista he perpendicular, ou seja de cima, ou de baixo, ou das ilhargas; desórte, que seja o olho o centro, em respeito das mais partes: mas note-se, que com huma só visão não se podem ver muitas partes juntas. A visão reflexa se faz nos corpos lisos, e polidos, ou por natureza, ou por arte, assim como são os espelhos, onde dá o rayo, e logo vira ao olho, ao modo de huma péla, que lançais com força a hum muro,

e ella se torna outra vez a vós. A visão refracta se faz quando olhamos por agoa, ou por vidro, ou por corpos diáphanos, e transparentes: chama-se refracta, porque caminhando os rayos do olho á couza vista, termina-se aquelle rayo no corpo, que acha em meyo, e dahi parte então com outro á couza vista, e faz hum angulo com o primeiro; e esta declinação, que faz o rayo do seu direito curso, se chama visão refracta.

Devemos logo imaginar, que a couza que queremos ver he huma báse de huma pyramide, a qual se fórma dos rayos do ver, os quaes partem do olho, como de centro, até a superficie, e contorno da couza vista. E assim por estes rayos se fazem os angulos no centro do olho, pelos quaes são as couzas differentemente representadas. E chamão os Latinos a este ver deste modo, *Prospecto*, donde vem perspectiva, e os Gregos lhe chamão *Optica*, por ser hum ver considerado; porque o ver simplesmente não he outra couza mais, que receber naturalmente na virtude do ver

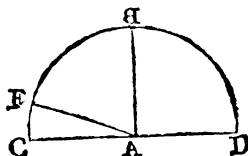
a fór-

a fôrma , e semelhança da coufa vista ; mas o ver do Perspectivo he hum ver considerado , e advertido ; porque não sómente vê naturalmente , como o simplez ver, mas considera , e busca o modo como se vê , e assim vê que da coufa vista vem os rayos ao olho de todas as suas partes que são vistas ; porque não se podendo ella toda ver , mal podem de toda ella vir estes rayos ao olho ; defôrte , que este ver he por linhas direitas. E nenhuma coufa visível se vê toda juntamente , como se vê no exemplo, que não vê o olho juntamente , B C D E. E assim serve tambem de próva para o mais que já está dito.



Segundo principio.

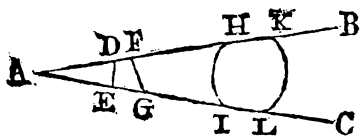
Neste segundo principio se trata da medida dos angulos , que diffemos fazião os rayos vindo da coufa vista ao olho. E digo que a medida dos angulos se tira das partes da circumferencia, que são comprehendidas , daquellas linhas , que fazem os angulos.

EXEMPLO.

As linhas, que fazem o angulo BAC , o qual he angulo recto , abração maior roda do meyo circulo DBC , do que abraça o angulo estreito BAE , por onde o angulo BAC he mayor que o angulo BAE , e conseguintemente muito mayor que o angulo EAC , e ambos são angulos estreitos.

Mas

Mas o angulo $F A O$, que he angulo largo, ou obruso, he mayor que todos os mais, e a razão he; porque abraça mayor circumferencia que os outros. Presupposto isto, digo agora, que aquellas coufas, que se vem debaixo de angulo igual, que parecem iguaes, o que se ve na figura seguinte.

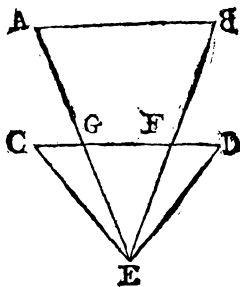


O olho he o A , os rayos são AB , e AC , os quaes fazem o angulo BAC , e as grandezas diversas são $DEFG$ $HIKL$, as quaes são differentes, e desiguaes; e porque são vistas em hum mesmo angulo, que igualmente serve a todas, parecem iguaes.

Outro principio.

Aquellas coufas, que se vem debaixo de angulo mayor apparecem mayores, o que se declara na figura seguinte.

Vedes



Vedes duas grandezas iguaes $A B$, e $C D$ em diversos angulos, das quaes huma apparecerá mayor que a outra, como $C D$ apparecerá mayor que $A B$, porque o angulo debaixo, no qual se vê $C D E$, he mayor que o angulo $A B E$, porque como está mais perto do olho se vê mais distinctamente.

Deste modo se declara outro principio nesta mesma figura, o qual he, que as cousas que se vem debaixo de angulo menor apparecem menores. A grandeza $A B$ parece menor da grandeza de $C D$, e a razão he; porque a grandeza $A B$ he vista no angulo $A E B$, que he menor que o angulo $C E D$, no
qual

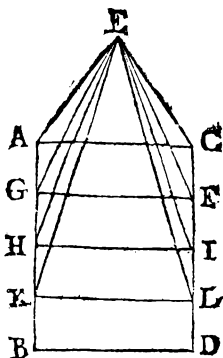
qual se vê a grandeza CD ; e pelo que acima temos dito, GF apparece igual ao AB , porque ambas são vistas no angulo igual.

Outro principio.

As cousas vistas debaixo de mais angulos, mais certa, e distinctamente se vem. Isto se vê manifestamente; porque se tomarmos duas grandezas iguaes, que entre si sejam igualmente distantes, e huma seja mais visinha ao olho que a outra: aquella que estiver mais visinha se verá em angulo mayor, que aquella que está mais longe. Mas o angulo mayor póde-se partir em mais partes, que o angulo menor. Assim que a grandeza mais visinha se verá em mayor angulo, que a que está longe; e porque o eixo, ou ponto da pyramide visiva, a qual chega á superficie da couza vista, he mais breve nas cousas mais visinhas ao olho, que o ponto da pyramide, que chega ás cousas vistas mais longe; por isso se segue, que as cousas vistas em mais angulos,

24 *Arte da Pintura.*
gulos , se veção mais distintas , e mais
certas.

EXEMPLO.



Depois disto se deve advertir , que
as linhas , ou outra quantidade igual-
mente distante , ou alta , ou baixa , ou
de lados que seja , parecerão ao olho
que querem correr juntamente , e unir-
se quanto mais longe estão do olho.
Vede o exemplo na figura atrás , aon-
de não só os lados A B , e C D pare-
cerão avifinharem-se hum ao outro ,
com as partes mais remotas do olho
E ;

E ; mas antes as linhas *A C*, *G F*, *H I*, *K L*, e *B D* farão o mesmo, assim que o *B D* parecerá mais visinho ao *K L*, que o *K L* ao *H I*, e o *H I* mais visinho ao *G F*, que o *G F* ao *A C*; porque o *B D* se vê em menor angulo que o *K L*, e o *K L* que o *H I*; e assim o restante. Do mesmo modo as partes da linha *A B*, e *C D*, que estarão mais longe do olho, parecerão avifinhar-se mais, que as mais visinhas; porque os espaços, que estão entre as partes mais remotas, parecerão mais visinhos; porque se vem em angulo menor. Donde vem, que se se puzer em perspectiva hum claustro, com columnas coberto, estando o olho no meyo do edificio, parecerá que o tecto se abaixa, e o pavimento se levanta pouco, e pouco, quanto mais se vay alongando do olho; e assim a parede da mão direita parecerá que se avifinha nas partes remotas ás columnas da mão esquerda, e as da mão esquerda se avifinhão á mão direita, como se vê no Theorema 12. de Euclides. E assim os espa-
ços

cos entre as columnas parecerão mais pequenos, por estarem mais longe do olho, de modo, que as coufas altas parecerão abaixar-se, e as baixas levantar-se; tudo isto nasce dos angulos, com que se vem as coufas.

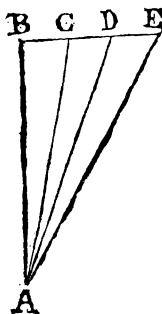
Donde, quando fizeres alguma Architectura em algum painel, haveis de tomar o ponto do meyo da quadratura, ou circunferencia, sendo redondo, e dahi haveis de lançar as linhas directas ás partes de fóra, e por onde ellas bornearem, por ahi ficarão lançados os filetes, assim dos frizos altos, como dos pedestaes baixos, entendendo os das ilhargas, e não os fronteiros, que effes se lanção á vontade de quem faz a Architectura. Mas notai, que este ponto muitas vezes he necessário que se ponha a huma ilharga do painel, ou aonde melhor esteja; mas as linhas sempre borneão delle, e o vão buscar.

Outro principio.

Entre distancias iguaes postas sobre huma mesma linha recta, as que
se

se virem de mais longe parecerão menores.

EXEMPLO.



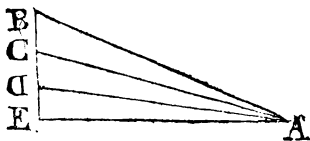
Sejão as distancias iguaes BC , CD , DE , e o olho seja A , do qual sayão os raios visuacs AB , AC , AD , AE , e esteja AB em angulos rectos sobre BE , e porque no triangulo rectangulo ABE , são iguaes BC , CD , DE , ferá o angulo BAC mayor que o angulo CAD , e o angulo CAD mayor que o angulo DAE , logo mayor parecerá BC que CD , e CD que DE .

Outro principio.

As grandezas iguaes, que postas em

em huma mefima linha recta , estão entre fi apartadas , parecem defiguaes.

EXEMPLO.



Sejão as grandezas iguaes BC , DE , e o olho seja A , do qual fayão os rayos visuaes AB , AC , AD , AE , e seja recto o angulo BEA , logo mayor he o angulo EAD , que o angulo BAC , e por isto ED parecerá mayor que BC , donde se segue que as grandezas BC , DE , parecem defiguaes.

E para que melhor se tenham estes principios na memoria , os epiloguei no modo seguinte , depois de já estarem provados.

1 Os rayos , que sahem do olho , vão por linha direita á cousa vista , e entre fi estão apartados com alguma distancia.

Aquel-

Aquellas coufas se vem aonde che-
gão os rayos visuaes : e aquellas se não
vem aonde elles não chegão.

As coufas que se vem debaixo de
mayor angulo parecem mayores : e as
que se vem debaixo de menor angulo
parecem menores.

As coufas que se vem debaixo de
igual angulo parecem iguaes.

As coufas que se vem debaixo de
rayos mais altos parecem mais altas ;
e as que se vem debaixo de rayos mais
baixos parecem mais baixas.

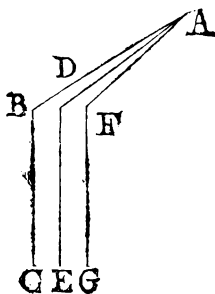
As coufas que se vem com rayos ,
que dobrão mais á mão direita , pare-
cem mais direitas. E as coufas que se
vem com rayos, que dobrão mais á mão
esquerda , parecem mais esferdas.

As coufas que se vem debaixo de
mais angulos se vem mais distincta-
mente.

Outro principio.

Sejão as grandezas iguaes B C, D E,
F G , as quaes estejão postas debaixo
do olho A , e do olho A sayão os rayos
visuaes

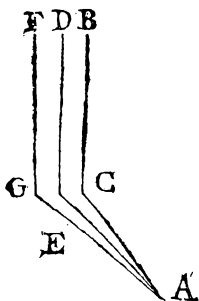
visuaes AB , AD , AF ; e porque AB está mais alto que os mais rayos visuaes, logo tambem o ponto B estará mais alto que os pontos D F , e pelo conseguinte tambem BC estará mais alto que DE , e DE mais que FG , pelo que entre as grandezas iguaes postas debaixo do olho, as que estão mais apartadas parecem mais altas.



Outro principio.

Entre as grandezas iguaes postas sobre o olho, as que estão mais apartadas parecem mais baixas. Seção as grandezas iguaes BC , DE , FG , as
quaes

quaes estão postas encima do olho A, e do olho A sayão os rayos visuaes A C, A E, A G; e porque A G está mais baixo que os mais rayos visuaes, logo o ponto G mais baixo estará que os mais pontos, e por isto F G parecerá mais baixo que D E, e D E mais que B C.

**ARTE DA PINTURA.**

Pintura, como diz Plinio, he huma representação da fôrma de alguma cousa, lançadas certas linhas, e traças. Esta, se tratarmos do modo de colorir, e tratar as côres, tem tres partes; convêm a saber; Pintura a oleo;
Pintura

Pintura a t mpera, Pintura em pergaminho, que chamão illuminação, e ainda a Pintura a t mpera se divide em Pintura a fresco. Mas se tratarmos quanto aos lineamentos, e traças, he huma s  coufa; porque em todos estes modos se guard o os mesmos claros, escuros, e meyo escuros; ou, como outros dizem, claros, meya tinta, e escuros; e em todos estes modos se guarda o mesmo debuxo, s  vari o no modo de colorir; porque nem todas as cores fervem bem a todos, nem o modo com que se assent o he commum a todos; porque differente he o oleo da c la, e a c la da gomma, e oleo. E porque melhor se entenda que coufa são claros, e escuros, e meya tinta, façamos particular annotação, e depois trataremos dos modos da Pintura, o que mais commummente se usa.

Que coufa seja sombra, e luz na Pintura, e donde se dão.

Daniel Barbaro, tratando este ponto, diz que as sombras na Pintura não são

são outra cousa mais, que falta de luz; porque aonde a luz dá, e fere, sempre alli está mais claro, e aonde ella vay faltando, logo as sombras se vão seguin-do pouco, e pouco. E para melhor se isto deixar entender, se advir-ta, que todo o Pintor, que quizer acer-tar, ha de ver, primeiro de tudo, aon-de dá a luz na figura, se vem da ja-nella, se vem de cima, se vem debai-xo, se he fronteira, se he de candêa, e se são mais luzes; porque então a mayor luz, he a que se guarda. E ven-do primeiro donde he a luz, verá que todos os altos da figura são claros, e nestes ao colorir, se ha de pôr a côr mais clara, e logo a meya tinta, que será esta clara com alguma outra, que a affombre; e nos escuros servirá a mesma meya tinta com outra, que a escureça mais; e se for necessaria ou-tra mais escura, para os mais fortes, aonde de todo falta a luz, tambem se lhe applicará: e para que isto melhor se entenda da luz, se pôde fazer ex-periencia de noite á candêa, aonde se

verá claramente o que he luz , e o que he escuro: e se o Pintor guardar esta ordem , em breve tempo alcançará o que ha nesta Arte , para saber relevar bem huma figura, e que pareça, sendo pintada, que he de vulto.

Tem esta regra huma exceção , que nos corpos esféricos , e redondos não ha luz de todo clara em todos elles , bate só em hum ponto , e logo se vay diminuindo , assim como se vay fazendo o redondo , até que bate em hum forte , e escuro muito escuro ; e a razão he , porque , como he esférico , vay logo a luz faltando a huma, e outra parte quando he fronteira : mas se he de huma ilharga , daquella aonde dá a luz , sempre he mais clara, e aonde falta , mais escura. E porque dissemos que a Pintura constava de certas linhas , e traças , será bem dizer do lineamento de hum corpo humano, para se verificar a definição.

SYMMETRIA,

*Das partes, em que se divide hum
corpo humano, na Pintura,
e Escultura.*

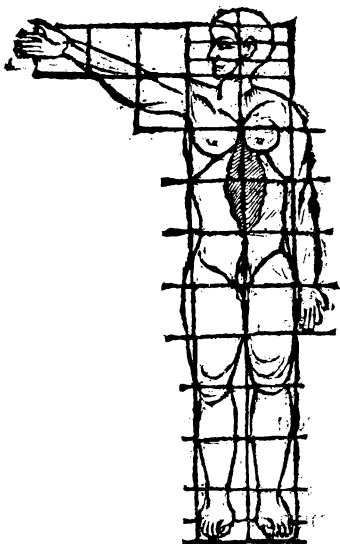
Symmetria, nome Grego, quer dizer proporção conveniente, que ha nas partes, e membros humanos. Author della (como diz Plinio *lib. 32. cap. 8.*) foi Polycleto. Tratarão desta Arte Alberto Dureiro, em quatro livros, que compôs de Symmetria. João Darfe no livro que fez de Geometria, Daniel Barbaro *na oitava parte de sua Perspectiva cap. 1.* Vitruvio *lib. 3. cap. 1.* E o que delles tirei mais necessario, he o seguinte.

Symmetria de João Darfe.

Terá toda a figura dez rostos. O rosto se entende, do nascimento do cabello da testa, até a ponta da barba, e não se conta mais hum terço, que vay

por cima da testa. Destes dez rostos, os cinco primeiros chegam até o nascimento das pernas, e os outros cinco vão até a planta do pé. De largor tem dous rostos de costado a costado, e sahem os hombros de cada parte hum terço. Cada braço tem de comprimento quatro rostos até a ponta do dedo maior, começando do foyaco, por onde fica, que estendidos os braços ficão os dez rostos, com os dous que ha de costado a costado. Do embigo até a ponta do dedo do braço estirado, vem a fazer na ponta do dedo pollegar do pé hum redondo perfeito. O pescoço tem dous terços de rosto em largo, e em comprimento hum terço, desde a orelha até a garganta. A orelha tem a altura do nariz. Da ponta do cabello até a sobrançelha tem hum sexto. Da sobrançelha até a maçã do rosto tem hum sexto, que tem de alto cada olho, e neste direito fica o ouvido. Do nariz á boca ha hum terço de terço. Da boca á barba ha dous terços de terço.

E X E M P L O.



Nos rostos ; e proporção das mu-
lheres se guarda a mesma medida , que
nos homens , (diz o mesmo Author)
tirado que a testa será descoberta , e
lisa , e os olhos mais desviados ; de
maneira , que haja entre hum , e ou-
tro

tro hum fexto até os lagrimaes. Serão grandes , mas não muy abertos, e as sobrelhas não muito largas. O nariz não seja delgado, nem agudo na ponta, nem rombo, senão em meyo. Os beiços apertados sem fazer força. As faces redondas, sem que mostrem osso. O rosto mais comprido que largo. Os peitos desviados, que entre hum, e outro fique hum espaço. O alto do corpo, como já disse, tem dez rostos, e não mostra osso nos membros. As ancas, e a barriga he mais crecida que nos homens. As pernas grossas, que vão adelgaçando até fazer o pé pequeno, cujos dedos, e forma hão de ser carnudos, e os braços nem mais nem menos grossos, a par do hombro, e que vão adelgaçando até o côlo do braço, e as mãos carnosas, que não descubram osso.

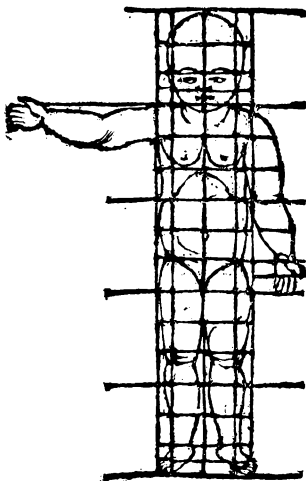
Symmetria dos Meninos.

A Proporção dos Meninos de tres annos (diz o mesmo Author) tem cinco

cinco rostos. Hum da barba até o alto da cabeça, os dous no corpo, e os outros dous nas pernas. Cada hum destes se divide em tres terços; da superficie da cabeça á ponta do cabello hum: dahi ás sobrancelhas outro, e ao comprimento do nariz hum sexto, e outro se dá á boca, e barba dividido em tres partes. Da barba aos peitos ha dous terços, e dahi ao nascimento das pernas ha hum rosto, e hum terço. A palma da mão tem hum sexto, e os dedos outro, e vem a fer toda a mão de hum terço. Do cõlo do braço ao cotovelo ha dous terços, e dahi outros dous ao fovaco. As coixas de largo têm hum terço, e sexto. A carne será roliça, e branda, e não mostra offo algum, senão humas arrugas fúndas, e pelo alto muito carnosas, e destas está huma em cada coixa ao primeiro terço debaixo das nadegas, e outra na curva, e outra na garganta do pé. Nos braços tem outras arrugas nos cõlos, e nos cotovelos, e joelhos fazem huns buracos em que

que muito mal se determina no meyõ delles os ossos daquellas partes. O pescoço he de fó duas arrugas, huma que vay por junto das orelhas, e outra hum quarto de terço mais abaixo. Estes membros são todos redondos, e faccis de mover.

EXEMPLO.

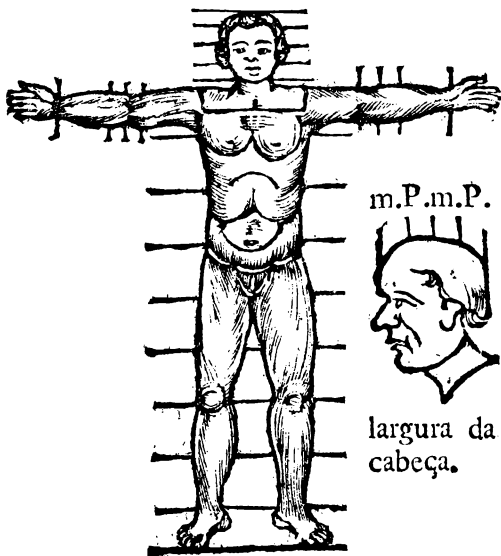


Symmetria de Daniel Barbaro:

DAniel Barbaro, no lugar acima allegado, usa de outro modo de lineamentos do corpo humano, e mais faceis, e são os seguintes. Hum rosto reparte-o em quatro dedos pollegares, chama dedo pollegar da ponta da unha do pollegar até o nó do nascimento do mesmo dedo. Destes dá hum ao cabello, do alto até o descobrir da testa; dahi outro até o alto das sobrançellas; dahi outro até a ponta do nariz; e dahi outro até a ponta da barba; dahi até o nascer das tetas dá hum rosto; dahi ao alto do embigo outro rosto; dahi ao meyo das coixas outro rosto; dahi ao meyo das rodélas dos joelhos outro rosto; dahi ao meyo das canélas outro rosto; dahi ao alto do tornozelo outro rosto; dahi até a planta dous dedos pollegares. Depois vindo aos braços, faz de espadoa a espadoa, aonde jogão os braços, dous rostos; e dahi hum rosto,

sto , e hum dedo pollegar ao jogar do cotovelo ; e dahi ao jogar da mão outro rosto , e pollegar ; e dahi á ponta do dedo do meyo outro rosto. A largura da cabeça tem tres pollegares , na fórmula que está estampada.

EXEMPLO.

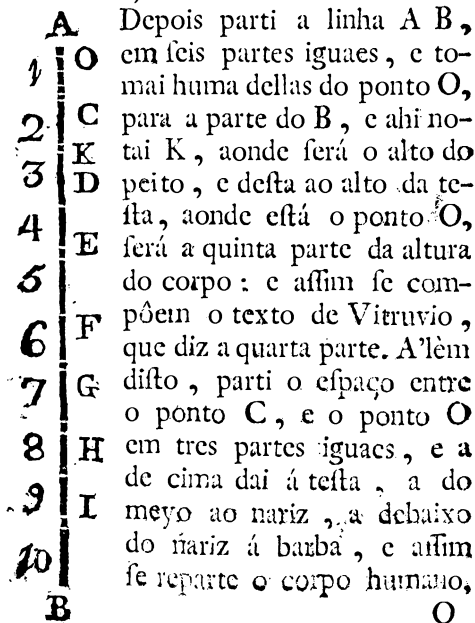


Symmetria de Vitruvio.

Vitruvio, *lib.3.cap.1.*, diz que de tal modo he composto o corpo humano, que da ponta da barba até onde fenecem os cabellos he a decima parte do corpo; do alto do peito onde fenecer o pescoço até o cabello he a sexta parte; da ponta da barba até o alto da cabeça a oitava parte; e da mesma ponta da barba até o mais alto do cabello a quarta parte. O comprimento do rosto se divide em tres partes, f. da barba ao nariz, e da ponta do nariz aonde elle fenecer com a sobrançelha, e da sobrançelha á ponta do cabello, em outra parte. O pé tem de altura a sexta parte. Ao cotovelo a quarta parte. Ao peito outra quarta parte. Mario Equicola *De alveto lib.2.* declarando em certa occasião a Vitruvio ajunta, que se o corpo he robusto que terá sette rostos, e se for delgado terá oito, e nove. As mulheres de sette rostos o mais das vezes, e até oito.

oito. As orelhas bem feitas são aquellas cujo meyo circulo he tamanho como o meyo circulo que faz a boca aberta. O nariz ferá de largura junto á boca; quanto he o comprimento do olho. O nariz ordinariamente se faz tão comprido, como he a boca. A mão he tão comprida como hum rosto. O ombigo he o centro do homem, porque dahi lançando o compasso aos braços abertos, vem a fazer hum redondo com os pés escanchados. Isto dizem estes dous Authores. Daniel Barbaro, explicando mais a Vitruvio, diz assim na sua oitava parte Seja huma linha tão comprida como quereis fazer a altura do corpo, e ponde-lhe no alto A, e no baixo B; logo parti esta linha em oito partes iguaes com os pontos C, D, E, F, G; H, I, e supponde que á parte de cima entre A C, que he a altura da cabeça, da barba até o alto da cabeça; depois tornai a partir a mesma linha em dez partes iguaes com seus numeros 1, 2, 3, &c.; depois abri o compasso, quanto he a decima.

decimã parte da linha dividida em dez partes, e pondo o pé no ponto C, aonde he a barba, e voltando o outro pé para onde está o A, faça o ponto O, assim que o espaço, que fica entre C O, he a decima parte de todo o corpo, e he o espaço da barba, até a raiz do cabello, donde he o alto da testa.



O pé he a sexta parte da altura , e o cotovelo a quarta , pondo o comprimento da mão. O peito confeguintemente a quarta , comprehendendo o peito debaixo ; porque da altura do peito donde está o ponto K á altura da cabeça donde está o ponto A , he a quinta parte , e assim deste modo divide Vitruvio o corpo humano. Até aqui he de Daniel Barbaro.

Symmetria de Alberto Dureiro.

Alberto Dureiro no primeiro livro de sua Symmetria na figura B segunda me pareceo mais conveniente , e melhor que todas as mais que usa. A sua repartição não se deixa bem entender ; e porque claramente se veja , a porci em Latim assim como está na sua tradução de lingua Tordesca em Latim , e he a seguinte.

Ita longitudinem membrorum metieris. A syncipite quod bregma dicitur usque ad medii juguli summitatem
una

*una pars esto decima, & una undecima. Ad summos humeros due partes. 11. Ad imum mentum una pars. 7. Summitas verticis media est inter sin-
ciput, & frontem. A mento usque ad
radices capilli una decima. Hanc si
partitus fueris in tria aqualia spatia,
primum frontem, secundum oculos &
nasum, tertium os, & mentum designa-
bit. A jugulo usque ad summum pe-
ctus una. 30. sub alas una. 3. Ad mam-
mas una. 10. Infra mammas una 8.
Lumbos due. 11. A lumbis ad umbe-
licum una. 40. Sinus coxarum una. 30.
imas coxendices una. 10. Pudenda
una. 8. extremam glandam una. 6. imas
nates una decima & una. 11. Ab imis
natibus ubi usque foemina quasi sulcan-
tur, id est, ad medium femur una. 18.
A planta ad imum talem una. 28. A
planta ad montem pedis una. 20. E ge-
nu medio usque supra illud esto una. 21.
Infra vero una. 4e. Ad imam suram
exterius due sunt. 19. Interius una. 8.*

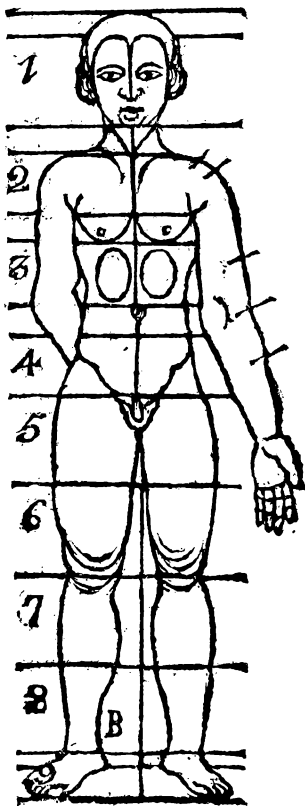
Menfura brachii.

Ab humero enim ubi illius caput ad jugulum annectitur ad cubitum usque, duæ. 11. Cæterum ab humero ad imos masculos una. 10. A cubito ad extremos usque digitos una. 4. Ab extremis digitis retio ad extremam manum una. 10. Etsi in unam 9. produci non est inconcinnum si cui forte ita libeat.

Até aqui he de Alberto Dureiro. Mas cu ufando da licença, que elle dá aos que quizerem repartir as suas figuras de outro modo, reparto assim a sua segunda figura. Faço a figura toda em nove rostos. O primeiro da ponta do cabello á ponta da barba. O segundo da ponta da barba ao sovaco. O terceiro do sovaco ao alto do embigo. O quarto do alto do embigo ao baixo da barriga. O quinto do baixo da barriga ao meyo das coixas. O sexto do meyo das coixas ao Joelho. O septimo do Joelho ao meyo da barriga da perna. O oitavo do meyo da barriga

riga da perna ao alto do tornozelo. O nono do alto do tornozelo á planta, com hum terço, que ficou por cima do cabello fazem os nove rostos. De largura de hombro a hombro pelo perfil de fóra tem dous rostos. O rosto reparto assim, como o reparte João Darfe. Depois dou ao pescoço hum terço. E do alto das maminas ao baixo dellas outro terço. Da cintura ao nascer das coixas hum terço. Do alto do tornozelo ao mais baixo delle meyo terço. E dahi á planta hum terço. Depois vindo ao braço, lhe dou tres rostos até o cólo da mão: e o rosto, que fica em meyo, reparto em duas partes, e o meyo della he o cotovelo, e dou a metade para cima, e a metade para baixo. A mão tem hum rosto, e assim reparto tambem as mulheres, com as advertencias de João Darfe, já referidas. Não ponho aqui a repartição, que faz dos meninos; porque melhor he a de João Darfe.

EXEMPLO.



Nomes das tintas, que se lavrão a oleo.

As tintas, que se ufão a oleo, são estas: Alvayade, Vermelhão, Verde; Zarquão, Sinopera, Genolim, ou, como outros dizem, Máchim, Maficote, Sombra de Cintra, ou de Offo queimado, Cinzas, Ocre claro, Efmalte, Ocre escuro, Lacra, Cochonilha, Preto de Flandes, ou Carmim, Verdácho, Terra Roxa, Almagra, Jalde. Todas estas se móem na pedra, salvo os Azuis, que são delgados, que na paleta com o oleo se concertão. Depois de moídas, para estarem frescas, para em todo o tempo se lavrarem, se porão na agoa em suas vieiras cobertas com papel o Alvayade, Zarquão, Maficote, Vermelhão, as outras se cobrirão muito bem, porque lhes não entre pó.

Modo para apparellhar panno, e madeira para a pintura.

Primeiramente, os paineis de páo se apparellhão na fórma seguinte: To-

marão cóla feita de baldreu , que he pelle de luvas , os retalhos dellas cozidos muito bem , a agoa que fica delles , depois de desfeitos , he a cóla , esta que não seja muito forte ; dai duas mãos no painel. Depois de enxuta , tomai gesso moído , e com a cóla fazei huma lavadura , ou agoarella , e assim dai outra mão , depois de enxuta lhe tornai a dar outra mão com mais gesso , depois de enxuto o raspai , de modo que fique muito liso , e igual ; depois lhe dai huma , ou duas mãos de imprimadura , e depois de secco o tornai a correr com lixa , de modo que fique muito liso , e igual. Logo debuxai , e colorí de morte côr. E notai , que a imprimadura não he outra cousa mais , que terra de Cintra , ou qualquer outra côr baixa , moída com oleo , e levará seu seccante : e que cousa seja seccante , se dirá em seu lugar. Os pannos se apparellhão assim : Tomai huma grade , e nella estirai o panno muito bem , e o pregai , depois lhe dai huma mão de cóla fraca ,
e de-

e depois de enxuto , se for necessário , outra mão de cõla , para tapar melhor , tambem se-lhe póde dar. Depois tomai a imprimadura , e com a faca , ou com huma colher de pedreiro pequenina a ide affentando , mas melhor he com a faca ; porque leva diante de si todas as arestas , que tem o panno ; depois de enxuta lhe dai outra mão , que fique bem coberto o panno ; e depois de enxuto , o correi com huma pedra pomes de modo , que fique muito liço , e sem noz , logo debuxai , e colori de morte cõr. Chama-se morte cõr a primeira cõr , que se dá na figura , porque sempre morrem as côres , e assim he necessário dar-lhe depois de bem enxuto a viva cõr , com côres bem moídas , e boas. Outros apparelhão os pannos differentemente ; mas este he o melhor modo , porque não quebra , nem escafca a pintura , como fazem os Romaniscos , que á conta de os Pintores pintarem muito mimoso fazem muito grande côdea , e logo o panno escafca com qualquer máo trato.

De

De todo o modo de seccante.

O seccante se faz de muitos modos, e alguns não servem senão a certas tintas. O seccante de pedra hume se fó para o Jalde, quando se usa a óleo, e faz-se deste modo: Tomai a pedra hume, e queimai-a em huma telha, e depois de queimada tomai aquelle pó, e misturai-o com o Jalde, e seja de modo que não faça perder a côr do Jalde, conforme a quantidade da côr podeis tomar a pedra hume. Outro seccante ha para o preto, este he o verdete sómente moído, e misturado com o preto na paleta. Outro seccante ha de vidro, que serve para a Lacra, faz-se deste modo: Tomai o vidro em pedaços, e botai-o no fogo até que se faça bem vermelho, e se queime bem, depois quando moeres a Lacra depois de teres tirada toda a Lacra com o colhedor da pedra, naquella, que ficar sem alimpares a pedra, botai o vidro já queimado, e moei muito bem, e ficará já de algum modo

do parecendo Laca, este misturai na paleta com a Laca, e he' muito bom seccante. Tambem na Laca he' bom seccante huma pontazinha de Zarquão: Ha' outro seccante de fezes (de ouro para todas as côres, que he' o melhor, e faz-se deste modo: Tomai as fezes de ouro moídas, e atai-as em hum paninho, e logo ponde o oleo em hum pucaro a ferver, e lhe mettei dentro as fezes affim no panno, como der huma fervura, tirai o oleo, e de dentro o panno, e o oleo que fica he' o seccante limpo, neste quando-layrais molhai o pincel, ou misturai, e he' bom seccante. E se não quizeres cozer o oleo, tomai as fezes de ouro moídas, e á noite botai em huma vieira o oleo, que haveis de gastar ao outro dia, e nelle botai huns pôs das fezes, e fica este oleo pela manhã muito bom seccante, e muito limpo. E não façais muito, porque logo se faz graxo.

Modo de usar o Jalde a oleo.

Tomai o Jalde que tenha boa côr, bem amarella, e dourada, e moê-lo-heis com agoa clara muito bem moído, depois de enxuto o tornai a moer a oleo, e usai delle tal nos claros com seu seccante, como fica dito. E para as sombras usai delle deste modo: Tomai o Jalde em pedra, assim como o comprais, e queimai-o no fogo em huma colher de ferro, ou em hum testinho, e seja sobre brazas sem fumo, e como fizer fio como mel, então está já queimado, depois o moei muito bem com agoa, e depois de enxuto o usai com oleo por sombra do outro Jalde; e se quizeres assombrar mais, misturai-lhe terra roxa, que tambem a soffre, e Laca, e preto para os fortes.

Modo de usar o Espalto.

Tomai o Espalto, e ponde-o em hum pequeno de oleo ao fogo, e como estiver brando dai-lhe quatro vol-
tas

tas na pedra , e fica moído. Este se usa nos escuros dos Encarnados depois da figura enxuta , como quem regraxa.

Modo de fazer Verdes.

De Verdete , e Alwayade se faz Verde , e na paleta se concerta para os claros , e escuros , e meya tinta. Outro se faz de Cinzas , e Masiquote. Outro se faz de Verdete , e Machim, ou Masiquote , e na paleta podeis fazer os claros , e meya tinta , e escuros , ou ajudando com Alwayade os claros , ou com preto os escuros. Os Verdes para tèmpera , e illuminação se dirão em seu lugar.

Modo de usar o Alwayade , e Cinzas.

O Alwayade se móe primeiro muito bem com agoa clara , e depois de enxuto se móe a oleo de nozes. As Cinzas se usão com o mesmo oleo , e para boas se hão de lavar primeiro , como diremos na illuminação , aonde se ha de ensinar a lavar as côres.

As mesclas das côres como se fazem.

Primeiramente, o Rosado se faz de Alva yade, e Lacra. O Pombinho se faz de Alva yade, Lacra, e Cinzas, e na paleta se vay fazendo á vontade. A Purpura se faz deste Pombinho, e depois lhe misturão mais Cinzas. Dos Verdes já fica dito. O Encarnado se faz de Alva yade, e huma ponta de Vermelhão. Os Encarnados rusticos se fazem com Alva yade, Zarquão, e huma ponta de Sombra de Cintra. O Pardo se faz de Ocre claro, e Sombra de Cintra. Todas estas côres serão concertadas na paleta á vontade do que as lavra.

Sombras para os rostos.

Ossô queimado, e moído com agoa, e depois de secco moído a oleo he sombra para rostos mimosos. Também para rostos mimosos se faz sombra com Cinzas, e a mesma Encarnação. Também se faz outra sombra com Ocre claro, e Preto de Flandes.

Tam-

Tambem Verdacho faz muito boa sombra. Para os rostos rusticos Sombra de Cintra com a Encarnação, que já fica dita acima. Tambem o Preto Lapis com a Encarnação faz humna sombra graciosa para rostos mimolos.

Para fazer óleo graxo.

O óleo graxo ferve para polimento, e para mordente, e faz-se assim: Ponde o óleo ao Sol até que engrosse, e faça fio como mel, e logo então está graxo; porque o ser graxo não he outra cousa senão engrossar-se. Para se fazer com brevidade, tomai o óleo, e ponde-o ao Sol em vasos pequenos, para que, sendo pouca quantidade, mais depressa o penetre o Sol, e antes de o pôr he bo tirar fezes de ouro em pó, ou humn. pequeno de Zarquão moído, e logo se faz graxo, e ao tirar não venha misturado o Zarquão, senão o óleo limpo; e assim o usai no polimento.

Como se faz o polimento.

Tomai o Alwayade muito bem moído com agoa , e depois de enxuto o moei com oleo graxo muito bem moído , e logo na pedra podeis fazer o Encarnado como vos parecer. Tereis a figura apparelliada como se costuma, digo engeffada , polida , e imprimada, e os Encarnados dados com Encarnação leve , para que depois assente bem o polimento. E quando assentares o polimento, que ficará sobre o grosso como massa , o assentai com huma brocha assim rudemente , depois para o polir tereis huma tês de couro de luva muito delgado de molho em agoa , e fazendo-o a modo de dedó de luva , no mesmo dedo ireis estendendo a tinta, ou polimento , e assim o ireis polindo, e quando o couro pegar , molhai com cuspinho levemente , e com o mesmo oleo tereis moído o Vermelhão com huma ponta de Lacra para dar nas faces , e na boca : mas adverti que sempre o beijo de cima ha de ser mais

vermelho. Depois abri os olhos ao pincel, e as sobrancelhas.

Para purificar oleo de Linhaça para o Alvayade, e Azuis.

Tomai oleo de Linhaça, e pela manhã lhe dai hum olho de Sol, e logo lhe botai hum pequeno de Alvayade moído, e deixai-o assim estar até o outro dia, e então o usai. De outro modo. Tomai hum vaso, que seja furado por baixo com hum torno delicado, que se possa tapar, e destapar, botai-lhé o oleo com agoa da fonte, e batei isto muito bem, e deixai assentar o oleo, que fique por cima como azeite, depois levemente tirai o torno que faya a agoa, e tanto que começar a fahir o oleo, fechai; e isto fazei tres, ou quatro vezes, e ficará o oleo muito purificado, e que se possa usar muito bem. Quando quizeres fazer Alvayade, que se possa usar como com oleo de nozes, moei o Alvayade na pedra muito bem com agoa, e depois lhe botai o oleo de Linhaça, e vereis que

que indo inoendo , a agoa se vay fahindo para fóra., e fica o Alvyade só com o oleo , que parece purificado.

Modo de regraxar.

O que quizeres regraxar fareis primeiro com branco , e preto , mas os altos sejam bem brancos , e os pretos bem pretos. Depois de enxuto , e secco, tomai o Verdete muito ibem peneirado , e moído a oleo , e podeis regraxar deste modo : Tomai hum panno de linho muito brando , e ponde-lhe hum pequeno de algodão , e depois fazei hum modo de pinzel , de fórte que fique o algodão de dentro do panno , e que não roce a pintura , e affin ide estendendo o Verdete , que logo vereis os claros em Verde claro , e os escuros em Verde escuro. O mesmo se faz tambem com a Laca. Mas adverti , que leve seu seccante , para que enxugue depressa. Podeis tambem affentar a tinta ao pinzel , que seja algum tanto rala , e depois com huma brocha grande

grande folver tudo muito bem; que fique bem unido.

Modo de fazer Cambiantes.

Os Cambiantes se fazem de muitos modos. Hum delles he fazer os altos de Maficote, e a meya tinta de Rosado, e os escuros de Laca. D'outro modo: Os altos de Rosado, e a meya tinta de Purpura clara, e os escuros de Purpura escura. Outro modo: Os altos de Rosado, e a meya tinta de Verde claro, e os escuros de Verde escuro; e assim se podem fazer quantos quizerem com duas tintas, a mais clara nos altos, e a mais escura fazê-la clara para meya tinta, e deixar essa mesma escura para os escuros.

Azul Ultramarino como se lava.

O Azul Ultramarino, como he tão caro, não se usa muito, e por tanto se não sabe o uso d'elle tão facilmente. Quem o quizer usar ha de lavar primeiro as roupas, ou o que quizer com Azuis de Castella, e Cinzas, e de-

64 *Arte da Pintura.*

e depois de enxuto ha de lavrar por cima o Ultramarino , que , como he muito delgado , se se usa só não cobre bem , porque não tem corpo.

Como se faz Mordente para dourar.

Tomai as côres baixas , que quizeres , muito bem moídas a oleo , e depois tomai em huma colher , ou pucaro , o oleo confôrme á quantidade que quereis fazer , e botando dentro as tintas muito bem moídas , poreis ao fogo o pucaro até que se coza bem , e se lhe botarés hum pequeno de Vernís tanto melhor , depois o guardai , que quanto mais velho melhor he. Tambem se faz das sombras das tintas da paleta , e daquellas pelles fervidas em oleo , e coado por hum panno grosso. Quando tratarmos dos modos de dourar , lá trataremos como se põem o Mordente , e aonde.

Para perfilar.

Depois de teres debuxado o que quereis , costuma-se a perfilar , principalmente

palmente os Encarnados com sombra , e huma migalha de Preto , e outra de Lacra , ou Cochonilha.

Quando se houver de fazer algum passamane , que pareça de ouro , se perfilará primeiro todo o debuxo com Almagra , e Zarquão , e depois de enxuto , o retocarão com Masiquote dourado nos altos , e aonde dá a luz.

Para fazer hum véo branco , que cubra cabellos, ou o que quizerem, depois da figura enxuta a banhai com oleo , e alimpai brandamente, depois ide perfilando o véo com branco , e com hum pincel secco ide solvendo , e aonde for necessário retocar com mais branco , se póde logo retocar.

PINTURA A' TEMPERA.

A Pintura á tempera não se differença da Pintura de oleo mais, que em ser a cóla, e em algumas côres que se não usão a oleo, como he Verde bexiga, e outro Verde escuro de Anil, e Jalde, e ainda o Montanha.

E

Diffe-

Differença-se também no aparelho ; porque não leva imprimadura , e para que se veja o modo de usar as côres , ponhamos o aparelho ; que se costuma usar.

*Como se apparelha o panno , ou
madeira.*

Tomai o panno , e pregai-o em huma grade muito bem estirado , depois lhe dai huma mão de cóla , não forte , nem muito branda , senão que cubra de algum modo : e se levar hum pequeno de Alwayade , como lavadura , ou agoarella , ficará melhor , logo debuxai , e colorî com as côres que quizeres. A madeira se concerta , nem mais nem menos , assim como dissemos para pintar a oleo , senão que não leva imprimadura , senão sobre o branco se debuxa ; e quando colorires o panno adverti que , se depois de enxuto for necessario realçar , para o panno tomar bem a côr , que lhe tornais a pôr , que o molheis levemente pelas costas , que então se une huma
côr

côr com a outra muito bem : assim como também quando pintais a oleo, e quereis pôr alguma côr , que fique melhor, haveis de esfregar a parte , que quereis realçar , com hum pequeno de oleo , porque também assim fica unido.

*Modo , que se ha de guardar no cam-
pir do painel.*

Primeiramente depois de coloridas as figuras , que houverem de estar no painel , se começarão os pertos , logo os longes , e logo o Orizonte , e os Ceos. Nesta fórmula : O primeiro monte , que são os pertos , se costumão a fazer com Branco , e Ocre , escurecidos com Roxo , ou Sombra de Cintra , os fortes mais escuros com Sombra de Offo , os altos se podem realçar com Masiquote, misturado com Branco aonde dá a luz. As Cidades, Encarnadas, realçadas com Branco, aonde dá a luz , escurecidas com Preto, ou Pardo , e Roxo , misturado tudo.

O segundo monte será de Verde claro , escurecido com Verde mais es-

curo , ou com Purpura ; que he a Sinopera misturada com Azul , e Branco. As arvores do segundo monte serão Azuis , os realços Verde claro. As casas de Purpura clara, escurecidas com outra mais escura. As janellas , e portas de Purpura bem escura.

O terceiro monte será de Azul , e Branco , realçado com algum Verde bem claro , escurecido com Purpura clara ; as arvores serão de Azul , e Branco muito claras , e assim hão de ser as casas bem realçadas com Branco.

Nos Ceos será o Orizante de Maficote , e Branco , ou com Sinopera , e Branco bem claro , logo Azul claro , tudo banhado como que nasce do Orizante , logo outro Azul mais escuro , que nasce hum do outro. E as nuvens serão de Branco , e com Purpura escurecidas. Isto he o mais commum , agora fica ao alvedrio do Pintor pintar as nuvens, e tudo o mais , como melhor lhe parecer.

As arvores do primeiro monte se hão de metter primeiro de Pretò escuro ,

ro, e logo suas folhas escuras pela banda de fóra com Verde, e Sombra de Offo, outras folhas seccas de Machim por fóra com Roxo Almagra. Depois desta arvore secca, ferá banhada toda com Verde, e logo lhe farão humas manchas nos altos com Verde, e Branco, e emcima deste Verde, e Branco vão abrindo as folhas com Branco, ou Maficote, ou com outro Verde, e Branco mais claro. E isto he o cômum.

Modo de colorir em commum.

A ordem, que se guarda, ordinariamente he esta; As Encarnaçoens, Branco com huma ponta de Vermelho, e outra de Laca; as Sombras á mesma Encarnação, com qualquer das Sombras, que já ficão ditas em seu lugar, e aonde houver de ser escuro, a mesma Sombra serve, ao alvedrio do Pintor. As Encarnaçoens robustas Zarquão, e Branco, ou Roxo, e Branco, as Sombras todas são humas. Os cabellos, Machim, e Branco, escurecidos com Sombra de Offo, e Si-

e Sinopera , realçados com a mesma Encarnação , ou tambem Pretos , é realçados com a mesma Encarnação , ou de Sombra , ou de Ocre escuro , confôrme á figura que se pintar ; porque os cabellos huns são mais dourados , outros menos , outros pardos , &c.

As roupas Vermelhas , Branco , e Sinopera escurecidas com Sinopera tal , os mais escuros com Sinopera , e Sombra de Offo , tudo misturado. As roupas Azuis com Cinzas , e Branco os claros , e escurecidos com Azul , e os mais escuros com Purpura tal. As roupas Amarellas , os claros com Maficote , e Branco , escurecidas com Rosado , e os mais escuros com Laca tal , como se vio já na annotação dos Cambiantes. A cóla , com que se usarem estas côres , não seja muito forte , nem tambem tão fraca , que tudo se despegue , senão em meyo. E este modo de colorir serve tambem para todo o modo de pintura.

PINTURA A FRESCO.

A Pintura a Fresco não se differença dos outros modos mais , que em não se usarem nella todas as côres, e mais no modo de as affentar. As côres , que nella se usão , são Ocre claro, e Ocre escuro , Sombra de Cintra , Terra Roxa , Almagra , Pretos ordinarios de Lapis , Esmaltes , Verde Montanha , Verdacho ; desfôrte que se não usão mais que as côres , que são de terra , ou de arêa , ou vidro ; mas as compostas não. Todas estas côres ao affentar não levão cóla , nem gomma , nem alguma liga , sómente a cal sobre que se affênta , isto se entende nas tintas , que não vão aclaradas , senão affim como se móem ; porque quando vão aclaradas , serve então a mesma cal muito bem moída , e se usa della como se fora Alvayade, e ella he a mesma liga : e que cal seja esta, que serve, se dirá logo abaixo , em seu lugar. O Esmalte, quando vay só , e o Verde Monta-

Montanha , concertão-se com leite de cãbras , ou outro qualquer ; e se vão aclarados levão cal , e não tem necessidade então de leite.

A pintura se faz em acabando logo de guarnecer a parede em fresco : e as côres se assentão muitas vezes , até que fartem bem a cal. E notai , que se não ha de guarnecer a parede mais , que aquillo que podeis pintar antes que ella se seque , e se não pudeses pintar tudo o que está guarnecido , e se ha de seccar , haveis de botar abaixo tudo o que se não puder pintar em fresco , e depois torná-lo a guarnecer , quando houver tempo para acabar a pintura.

Os Encarnados fazem-se da mesma cal , e Almagra , ou Terra Roxa. O Roxo se faz de Esmalte , e Terra Roxa. A côr do Maficote se faz de Ocre claro , e a mesma cal , e assim todas as mesclas , que se costumão nas outras pinturas. A cal , que servir por Alwayade , ha de ser moída. O debuxo ha-se primeiro de fazer em hum papel

pel do tamanho do painel , e então se ha de picar , para se estrezir , que se faça a pintura mais certa , e com mais brevidade. Os pinceis hão de ser de fedas compridas , e pouco atadas , para que não desflorem a cal : e para as coufas mais delicadas se usão os outros communs.

A cal da pintura a fresco ha de ser velha de dous , ou tres annos , ou mais ; e ha de estar todo este tempo sempre em agoa , como se faz á que serve no estuque. E ha de levar arêa de rio , ou de agoa doce , peneirada. E a agoa com que se amassar ha de ser agoa de fonte , que não seja salobra , nem salgada ; e será tanto de cal , como de arêa , ou duas partes de arêa , e huma de cal. A outra cal da primeira guarnição do embuçar , será da outra cal commua , com arêa , aindaque seja mais grossa , e tambem meada ; e depois do embuçar se põem logo a primeira cal , de que fallamos , ao modo de estuque ; e se ficar parda algum tanto , ou almecegada , assim ficará melhor : acabado

bado isto, se põem o papel picado, e se bota o pó de carvão, e pelo debuxo que fica se vay perfilando, e logo pintando: e notai, que he necessario deixar a pintura sobre o escuro, porque logo em se seccando aclara muito.

Tambem costumão fazer a fresco de rascunho em paredes, figuras, e lacarias, e tudo o que querem, como se vê em muitas quintas, e fazem deste modo: Guarnecem a parede de cal com preto, e depois de secca, e feita toda preta, dão-lhe outra mão de cal a colher, ao modo de estuque; e quando se quer ir seccando, ou logo em fresco, vão abrindo o debuxo com hum prego, ou estêlo duro, e vão, rascunhando o que querem, fazendo com o rascunho amiu+ dado os escuros, como quem rascunha, e fica então apparecendo o debuxo em preto do preto, que estava por baixo. As mais lembranças, que pudêra fazer para a Pintura de fresco, com o uso se podem alcançar.

PINTURA DE ILLUMINAC,ÃO.

A Pintura de Illuminação se faz em pergaminho, e o melhor he o de Flandes respanfado, que o de Castella não he bom. Nella se guarda a mesma ordem, que temos dito da Pintura á Tempera, tirado, que nos Encarnados, nos altos delles, ha de ficar o pergaminho tal, e aquelle mesmo Branco; porque de tal modo se vay apalpando com a Lacra, e Sombra, que sempre o pergaminho fique servindo com a sua mesma côr.

Nomes das tintas, que servem para a Illuminação.

As tintas, que servem, e são melhores, são as seguintes: Branco Genuisco, he o melhor; Vermelhão, o de fevera mais comprida, he o melhor; Verde Terra, o da côr mais formosa, he o melhor, e seja bem delgado; Verde Montanha, he hum Verde azulado, mais delgado que o Verde

de Terra ; Azul de Cabeça ; Cinzas, também Azul ; Ocre claro ; Lacra ; Verde Bexiga ; Ocre escuro ; Catafol ; Anil, o de tavoleta he o melhor ; Brasil ; Jenolim, ou Maficote, o de paens, he o melhor ; Bollo Armenico ; Zarquão, em torroens, he o melhor ; Ferrugem ; Maquim ; Sinopera ; Carmim.

Modo como se lavão as tintas.

As tintas, que se lavão, e apurão sem se moer, são estas : Cinzas, Maficote, Alvyade, Zarquão, Tamarão, Gomma Arabica de molho, e espessa como mel, e tomarão as tintas huma por huma, e em huma altamia, ou qualquer tigela vidrada, e com o dedão pollegar moerão a côr muito bem com esta gomma. E depois lançar-lhe-hão agoa clara pouca, e pouca, e irão desfazendo a gomma até ser muito solta. Depois, em quanto se diz hum Credo, a deixem assentar, e logo vazem a agoa em outra porcelana, e deixem-a estar hum quarto, logo a vazarão em outra, a qual estará compondo-se huma
noite

noite toda : e note-se , que o pé destas tintas , he o que serve , tirado do Branco , Maficote , e Zarquão , que não prestão mais , que para Pintores. Depois tomai estas porcelanas , e tirai-lhe levemente as côres , e guardai-as ; porque humas são mais claras , e outras mais escuras.

As côres , que se móem , lavão , e apurão , são estas : Azul de Cabeça , Vermelhão , Verde 'Terra. Depois de moídas se lavão , como já disse das outras ; mas seirão muito bem moídas na pedra.

As côres , que se móem com agoa de gomma sem mais purificação , são : Ocre claro , Anil , Bollo Armenico , Ferrugem peneirada , e bem secca.

Ocre escuro , Lacra , Sinopera , se móem tambem com gomma , e depois lhe lanção hum pouca de agoa , com hum dedo de mel , pouca coufa , ou açúcar cãndi.

O Machim te-lo-hão primeiro de molho em ourina de moço virgem , ou çumo de lixa , e com ella o moço
rão

78 *Arte da Pintura.*

rão em lugar de agoa , e com gominã se usará. Verde Bexiga com agoa tal se contenta.

Como se fazem as mesclas das côres.

As mesclas se fazem assim: O Rosado com Lacra , e Branco , e conforme a mistura que se fizer , assim ficará claro , ou escuro. Pombinho , se faz assim : Tomai Lacra , Branco , e Cinzas , e ide compondo o Pombinho. A Purpura se faz deste Pombinho , como fica dito , e lhe lançarão das Cinzas mais azuladas , e hum pouco de Brasil. Verde Terra , se mistura com Verde Bexiga , e faz huma côr escura, serve para campos de letras. E misturado o Verde Terra com Maficote , faz hum Verde gracioso. Tambem Verde Terra com Machim faz outro Verde gracioso.

As mesclas das molduras são diferentes , tomai Ocre claro com Zarquão , ou Vermelhão , e serve para os claros, e os escuros serão de Lacra , ou Ferrugem , e os realços de ouro.

Outro

Outro modo, Ocre escuro, e Vermelho, com hum pouco de ouro do mais baixo, misturado tudo, e affentado, depois de secco se burnirá com o dente, e se póde affombrar com Laca fina, e realçar com ouro.

Outro modo, Ocre claro com Vermelho, e Ferrugem, e tudo mexido fica huma mescla boa, os riscos serão pretos, e sobre elles outros de ouro, ou prata, ou branco.

Como se affombrão as côres.

Toda a côr se affombra com a sua contraria. O Verde Maficote, Machim, se affombrão com Verde Bexiga, ou Laca.

O Azul, Zarquão, Rosado, Ocre claro, se escurece com Laca. Ouro com Ferrugem, ou Ocre escuro. A Prata, ou Branco, se affombra com Anil, ou Ferrugem. A Laca se affombra com Ferrugem, e realça com Branco, Maficote com Azul, ou Anil, ou Verde Bexiga. As Sombras de ouro, ou prata serão Ferrugem, ou Ocre escuro.

80 *Arte da Pintura.*

Os campos se enchem duas vezes, a primeira vez fraca a côr, e depois forte, e grossã. O campo de ouro será primeiro com Ocre claro, não muito forte, e logo o outro por cima depois da côr enxuta, e depois se burne pondo-lhe hum papel por cima, por se não desflorar.

Outro módo das sombras, e realços.

Vermelhão se affombra com Laca, e se realça com Zarquão. Azul se escurece com Laca, e se realça com Alwayade. Verde Terra se escurece com Verde Bexiga, e o realço he Alwayade, ou Maficote. Ocre claro se escurece com Ocre escuro, e se realça com ouro. Zarquão se escurece com Laca, e se realça com Alwayade. O Rosado se escurece com Laca delgada, e se realça com Alwayade. Maficote he realço do Ocre claro.

*Gomma, como se concerta para
illuminar.*

Tomaráõ a Gomma Arabica (que
a ou-

a outra de Ethiopia , que he vermelha, não presta para illuminar) e pizada hum pouco , a botaráõ em agoa , que a cubra , e estará affim dous dias , depois coar-se-ha por hum panno , e a grossã ferá para moêr as tintas , e a delgada para illuminar.

Para moer ouro para illuminação.

Tomaráõ hum pequeno de sal cozido , confôrme ao ouro , que se houver de moêr , e moê-lo-hão em huma pedra , muito bem moído , depois lhe irão lançando os paens d'ouro pouco , e pouco , e indo sempre moendo por espaço de huma hora com força. E para saber se está já moído , tomarão hum pequeno , e po-lo-hão na borda da altamia em agoa , e alli quando se desfaz , se vê se está já bem moído. Depois disto , tomarão este ouro todo , e botá-lo-hão em huma porcelana , lavando-o sempre com agoa clara , até que a que deitar não tenha sabor do sal , que se moêo a principio. Depois de muito bem lavado se porá em hu-

ma vieira ao ar do lume a enxugar em brazas, sem fumo, e depois de enxuto use-se com agoa de gomma, e do mesmo modo se faz á prata.

Para fazer côr Roseta.

Tomem páo do Brasil, e raspado com hum vidro tomarão as raspaduras, e botá-las-hão em huma panella vidrada, e a huma onça de Brasil botarão feis de vinho branco, e esteja assim de molho vinte e quatro horas, e logo se porá ao fogo, e ferverá até que minguem a terça parte, e tirar-se-ha logo fóra a panella, e lancem-lhe meya onça de pedra hume moída, e para se affinar mais, lancem-lhe meya onça de cal virgem, ou graã em grão, e meya onça de gomma Arabica, e depois de coada se póde usar.

Para Brasil.

Tomarão páo do Brasil, que seja doce na lingua, e fá-lo-hão em rachas miudas, e botar-lhe-hão agoa em quantidade, que fique tres dedos coberto

berto o páo-, e estará assim de molho hum dia, e huma noite, e depois ferverá até que gaste quasi amétade, e depois de frio lancem o páo a huma parte, que fique a agoa só, na qual botarão huma pequena de gomma Arabica, e huma pequena de agoa ardente, e esteja assim até que a gomma se derreta, mexendo-a cada dia duas, ou tres vezes, e como for derretida, ponha-se outra vez ao fogo brando, e em começando de ferver lhe botem pedra hume bem pizada, pouca, e pouca, até que faça a agoa muito vermelha, e quando já estiver (provando-a na unha) em côr de carmesim, botem-lhe huma pequena de pimenta machucada, e como ferver tire-se do fogo, e coe-se, e guarde-se em hum vidro, e use-se.

Para Catasol.

Tomem lirio muito bem pizado, e ponha-se em huma escudéla, e esteja aquella massa assim seis dias, e acabados, deitem-lhe pedra hume, como

quem falga , e esteja assim dous dias , e acabados estes dias , esprema-se , e molhem pannos naquelle çumo , e enxuguem-se ao ar até que fação corpo , e quando quizerem obrar seja com agoa de gomma.

Para fazer Verde Bexiga.

Tomarãõ as sementes dos esparços em Settembro , as quaes tem muita semelhança com a manjarona , e esta semente será muito bem machucada , e depois tomarãõ pedra hume , e huma pouca de ourina de carneiro , e espremido tudo isto assim junto por hum panno , lançarãõ o çumo em huma bexiga de carneiro , e pôr-se-ha ao fumo até que todo este çumo se secce , e faça hum corpo , e depois cortai a bexiga , e tirai o verde , e ufai-o. Outro se faz de arruda , e herva moura pizada , e o çumo botado com fel de cabrito em huma bexiga ao fumo.

Para fazer Verde Lirio.

Colhem-se as flores do Lirio até chegar

chegar ao amarello , e machucadas em hum gral , lhe porão huma pequena de pedra hume , quanto seja huma cascaca de noz , e tudo isto assim será pizado , e depois espremido por hum panno. E neste licor botai painos , e os tornai a enxugar muitas vezes para podouros , e este Verde se usa sobre o Verde Bexiga , e faz mistura tambem com o Verde Terra.

Vermelhão , como se concerta , e faz.

Vermelhão he pedra , que se acha em mineraes. Mas o ordinario he feito por artificio , com enxofre , azougue , e fogo. Toma-se hum pucaro novo , e nelle se bota o enxofre , e o azougue , partes iguaes , e depois se barra muito bem , que não faya o bafó fora , e posto ao fogo até que se encorpore huma coufa com outra por espaço de cinco , ou seis horas.

Concerta-se assim : Tomem o Vermelhão , e muito moído com agoa o deixem seccar , e lancem-lhe huma fevera de açafraão , e quando o quizerem
usar

usar tomem o que quizerem, e desfazão-no com agoa de gomme, e com leite de figueira. E se for para rabiscar, lavem-no como o Azul, e temperem-no com gomme, e leite de figueira; e quando não quizer correr, deitem-lhe vinho branco, ou vinagre, ou hum pouco de mel, e quando fizer escuma botem-lhe huma pequena de cera da orelha.

De outro modo se faz: Tomarão a clara do ovo em huma tigela vidrada, e esteja até que se seque, e depois de secca se desfaca com agoa limpa, e botem-na no Vermelhão moído, e use-se.

Gomma para o Azul.

Tomarão hum quartilho de vinho branco em huma vasilha vidrada; e lançar-lhe-hão duas onças de gomme Arabica, e logo se cozerá pouco, e pouco, até que mingue de quatro partes huma, e depois coar-se-ha, e quando quizerem usar o Azul, usarão desta agoa para o desfazer.

Como

Como se destempera o Azul.

Tomarão o Azul em pó, e deita-lo-hão em huma concha com quantidade de agoa, que se amasse, e tomem agoa gommada, que não seja muito fraca, nem muito forte, e lancem-na no Azul pouca, e pouca, e dahi a hum pedaço podem lavrar com elle.

Verdete, como se faz, e se usa.

Laguna interprete de Dioscorides ensina a fazer Verdete, a que chama raspado, nesta fórma: Tomai huma vasilha de vinagre muito forte, e ponde-lhe na boca (que não chegue ao vinagre) humas laminas de cobre, e tapai logo a panella, que não fique por onde respirar, e deixai-a estar dez dias, depois tirai as laminas, e raspai o Verdete, e tornai a fazer o mesmo. Outros tomão as limaduras do cobre, e com vinagre bem forte, e tapão a panella muito bem sem respirar, e a põem ao Sol no Estio, e no Inverno sobre

sobre fornos , até que se componha huma coufa , e outra.

Piamontez o ensina a fazer deste modo : Tomarão vinagre forte , e de laminas de araine limpo de todo o pó , e ferrugem , oito onças ; de sal commum , quatro onças ; de rasura de vinho tinto , duas onças ; de sal Armenico , meya onça ; e tres onças de agoa forte , e destemperada com o vinagre , e estarão as outras coufas todas em pó , o vinagre seja sem medida , e quanto mais quanto melhor , porque se fica , sempre he bom. Tudo isto porão em huma panella vidrada , e tapã-lhão muito bem , e barrada , que não respíre. Depois ponde-a debaixo do esterco por quinze dias , depois tirai-a , e esbarrai-a , e tirai-lhe o vinagre pouco , e pouco ; tomai então o Verdete , que fica em huma caixa de páo , e tapando-a muito bem a tornai a pôr debaixo do esterco por oito dias , e então o tirai , e o usãreis deste modo.

Tomai o Verdete , e desfazei-o com çumo de limão , deitai-lhe hu-

ma fevera de açafração , e ufai delle.

D'outro modo : Tomai o Verdete , e botai-o em çumo de limão por oito dias , e botai-lhe huma migalha de gomma , e depois ufai delle , que fica muito bom. Os mais modos já se differão na pintura de oleo.

Como se faz o Alvayade.

O mesino Laguna ensinando como se faz o Alvayade , a que chama Cerrusa , diz que se faz , nem mais nem menos , como diffemos do Verdete , na sua annotação primeira , senão que as laminas hão de ser de chumbo. E depois dos dez dias se destapa a vasilha , e se tira o vinagre limpo , e o pé que fica , que he o Alvayade , se móe na pedra depois de secco , e se peneira , e o que sahe primeiro he o melhor , depois se compõem em paens com vinagre , e tudo muito bem moído se secará ao Sol ; o chumbo , que se não acabou de consumir , se torna outra vez ao vinagre.

Como

Como se faz o Zarquão.

O Zarquão diz o mesmo Laguna que se faz assim Tomai humas laminas de chumbo muito delgadas, e ponde-as em huma panella nova, huma cama de laminas, e outra de enxofre moído, e assim continuando até encher a panella, e logo pô-la ao fogo, meneando tudo com humia vara de ferro; mas tende os narizes tapados, porque he o vapor muito danoso. Outros em lugar de enxofre põem Alwayade, e tapão a vasilha muito bem, e só lhe deixão hum buraco pequeno, por onde respire, e a põem no forno, (e isto he o melhor) até que se queime muito bem.

Para assentar ouro em seda, papel, ou pergamimbo.

Tomarão clara de ovo bem quebrada, de cinco, ou seis dias, que seja bem podre, e Bolo Armenico, e guis mate; convêm a saber, tres partes de guis, ou gesso, e o Bolo seja

Seja quanto lhe dê huma pequena de côr, e partido assim, deitem-no na pedra, e depois de muito bem moído com a clara, que lhe irão botando pouco, e pouco, lhe lancem juntamente hum pequeno de açúcar cándi, ou huma gotta de mel, e huma pequena de cera da orelha. E advertão, que não seja muito basto, nem muito falo, senão em meyo, e com esta tinta fação as letras, e depois de enxutas basejem-lhe, e ponhão-lhe o ouro; e burnão logo.

Outro modo para feda Tomai alguma tinta concertada a tempera, e com ella lavrai as letras na feda, e depois de enxutas, ponde o mordente pelos mesmos riscos já escritos a tempera, e como estiver em fação podeis dourar. E notai, que não fayais com o mordente fóra do que está escrito; porque logo repassã..

Outro modo: Tomai leite do pé de figueira em huma concha, e deitai-lhe huma fevera de açafão, desfazendo-o no leite, e com elle escrevei, e depois

depois de enxuto bafejai-lhe , e assentai o ouro , e alimpai com algodão.

Outro modo : Tomai gesso mate tres partes , e huma de Bolo Armenico , e gomma Arabica , e depois de tudo incorporado , escrevei , e estando rezente para secco assentai o ouro , e burni.

Para assentar ouro em pedra , pào , vidro , e couro.

Para assentar ouro em pedra , se ha de guardar a ordem seguinte : Primeiramente se ha de imprimir , e depois de secca a imprimadura se lhe ha de pôr o mordente , e como estiver em fazão , dourar ; mas deste modo , com a humidade da pedra , nos dias de chuva não tem lustro o ouro , e para que a humidade o não penetre , se fará deste modo : Depois de imprimada a pedra , e posto o mordente , lhe assentai folhas de estanho ao modo de quando dourais , e depois de assim estanhada , lhe ponde outra vez outra imprimadura , e outro mordente , e
podcis

pôdeis dourar , que então fica o dourado com lustro , e fóra de humidade; e depois se quizeres perfilar alguma coula sobre o ouro , perfilai com Ocre escuro , ou com Sombra.

O páo se doura de dous modos : a hum delles chamão Ouro mate , como he o que fica acima dito , que assim serve tam bem no páo como na pedra , e o outro se chama Ouro burnido. O Ouro mate se assenta sobre o páo aparelhado , como dizemos na pintura , até ser imprimada , e depois se lhe põem o mordente ; e quando está já quasi secco se lhe assenta o ouro com algodão. E se quizeres fazer hum ouro muito formoso , que pareça ouro burnido , fazei que o mordente seja polimento de Ocre claro , ou escuro , e depois de estar muito polido , e lizo , (que nisto está sahir o ouro bom) depois de enxuto lhe assentai o ouro , que ficará muito formoso , e tão bom como se fora burnido.

O ouro burnido se faz assim :
Depois

pois de estar o páo encolado, lhe dai huma mão de gesso commum, e seja ao modo de lavadura delgado, e se na cóla lhe botares huma cabeça de alhos, ferve para que não falte; depois lhe dai tres, ou quatro mãos de gesso mate, o qual se faz assim: Toma-se o gesso commum, e depois de moído, e peneirado, se bota em huma panella cheya de agoa clara, e cada dia se lhe muda, e se bate duas, ou tres vezes, e aos dez dias fica gesso mate, então o tirai, e seccai, e ufai delle. Depois de dares estas mãos, que digo, lhe dareis duas de Bolo commum, e depois outras duas de Bolo fino, e sejam todas estas mãos dadas com cóla quente; depois de enxuto, quando quereis dourar, molhareis muito bem, e sobre o molhado com agoa clara assentai o ouro; e depois de secco burni com o burnidor, que se faz de pederneira muito lizo, e ficará o ouro muito formoso. Para se dourar o caderno de hum livro se ha de guardar esta ordem: Toma-
rão

rão huma clara de ovo, e botar-lhe-
hãõ huma gotta de agoa, e depois ba-
terão tanto esta clara, até que se faça
em escuma, depois a agoa que sahir
desta escuma he a que ferve. Com
esta agoa cobrirão tudo o que se hou-
ver de dourar, e depois de enxuta se
lhe porá por cima hum toque de azei-
te, e logo o ouro por cima; depois
com o ferro quente em fórma, que
possã aquentar a clara do ovo, que
já está secca, e depois de impressos
os labores, que quizeres, alimpai com
algodão, e só ficará o ouro aonde car-
regastes com o ferro. Isto se póde fa-
zer tambem em borzeguins, e em çap-
atos, e em todo o couro que qui-
zeres.

E se quizeres dourar as folhas do
livro, guardai esta ordem: Tomai o
livro, e ponde-o na emprensa mui-
to bem apertado, depois o raspai
com huma faca muito bem, depois
de bem cortado, e logo depois de
raspado o burni, e acabado de bur-
nir lhe dai huma mão com a clara de

ovo, como fica dito, e estando a clara ainda fresca, tomai hum pequeno de Bolo Armenico moído, e com o dedo o ide pondo fobre a clara, e esfregando até que as folhas fiquem da côr do Bolo Armenico. Depois de enxuto lhe tornai a dar com a clara outra mão, e estando em fazão, e quasi enxuta, lhe ponde o ouro, e depois de enxuto burni com o dente, e lhe imprimi com o ferro os lavores que quizeres.

E se quizeres fazer as folhas de ouro fobre côres, guardai esta ordem: Tomai a mesma clara, e com ella concertai o Verde, ou Azul. O Verde seja montanha, ou o que se faz de Anil, e Jalde, e o Azul, ou Alvayade, e Anil, ou de Orchilha, e depois de enxuto o burni muito bem; tornai-lhe a dar logo com outra mão da clara de ovo, como fica dito, e tanto que estiver enxuta, lhe ponde o ouro, e logo com o ferro quente ide lavrando, e só ficará o ouro aonde o ferro imprimir, e alimpai com o algodão.

Para

'Para dourar o vidro se ha de fazer o mordente liquido', que corra pela paleta, e ha de ser de Ocre escuro, para bom, ou dourado. E com elle lavrai no vidro o que quizeres; depois de resente para secco lhe assentai o ouro, e como o ouro pegar em todo o vidro, com o mesmo algodão tocado no cuspinho alimpai, e ficará só o ouro pegado no mordente.

Para dourar huma rodéla, ou bandeja ao modo da China, notai, que se ha de apparelhar, como dissemos da outra madeira; e depois da imprimadura lhe dareis a côr que quizeres a oleo tambem, ou preta, ou vermelha, &c. Depois de muito bem enxuta, que não pegue nella ouro, debuxai com o mordente, de que tratamos no dourar do vidro; e depois que estiver em fazção assentai o ouro, e depois de dourado, e muito bem enxuto envernizai toda a rodéla, ou taboleiro com vernís de espique, que he muito seccante; e depois póde-se

lavar com agoa quando estiver çuja , porque se não desflora coufa alguma.

Para estofar huma figura.

O estofo de figuras , ou de roupas , ou tudo o que quizerem estofar , não se faz senão sobre ouro burnido , e guarda-se esta ordem Primeiramente , sobre o ouro , que quereis estofar , haveis de dar huma mão , ou duas de Alvayade , concertado com gemma de ovo , o qual se concerta assim : Tomai a gemma sem clara , e botai-lhe huma ponta de agoa , e depois batei-a muito bem , e com esta composição haveis de concertar as côres , como se fora cóla , ou gomma. Depois de dadas estas mãos de Alvayade , que fique a figura muito alva , ide então colorindo o damasco , ou téla , ou ramos , ou passarinhos , ou o que quizeres , que então fervem aqui as côres da illuminação com esta composição da gemma de ovo , e fervem os realços todos ; depois de tudo lavado ao pinzel , e enxuto , ide então riscando ,

cando , e abrindo a pintura com hum estilo de páo , ou de prata , ou hum ponteiro duro , do que quizeres , e ficareis descobrindo o ouro , aonde vos parecer bem , e para se fazerem hums alcachofres , como tem o brocado , fazci hum ferro , como punção , em que esteja aberto o modo , que me-lhor vos parecer , e com elle punçai. E quando o ouro não tomar bem a côr do Alwayade primeira , misturai-lhe huma ponta de fel.

Para fazer hum painel com tres figuras , que huma só appareça á vista.

Para se fazer hum painel de tres figuras , que cada qual se veja por si , e não todas juntas , se fará assim : Fa-zei huma grade , do tamanho que que-reis o painel , e na regra do alto da cabeça , e na debaixo dos pés haveis de dar humas ferraduras com huma ferra delgadá , até quanto seja o comprimento de huma unha , e quanto ti-ver de altura a ferradura , tanto ha de

ter de largura de huma a outra , e assim irão ferrando estas duas regras igualmente ; depois de ferradas , assentareis nas costas da grade hum painel , que já estará feito , nem mais , nem menos , como se a grade fora feita só para elle.

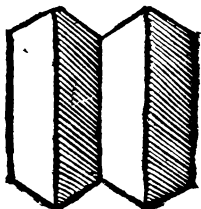
Depois tereis já dous paineis pintados do tamanho da grade , os quaes fareis em tiras da largura das ferraduras , e grudareis estas tiras de hum painel com as do outro painel , por esta ordem , que a primeira deste se grudará com a derradeira do outro , com as costas hum para outro , e logo a segunda com a antepenultima ; e logo as ide assentando , começando na primeira ferradura da mão esquerda do painel ; e assim quando por esta ordem as fores grudando , e assentando , quando puzeres o painel na parede , vereis a figura fronteira , sem que vejais as outras ; e depois quando vos puzeres da ilharga esquerda vereis outro sómente , e da ilharga direita outra sómente. E se quizeres fazer isto
mais

mais facilmente , tomai humas tabo-
letas de faya , donde fazem as bainhas
de espadas , e estas ordenadas como
painel , pintai nellas ; e depois as virai
humas , e humas , e nas costas pintai
a outra figura ; e depois as encaixi-
lhai nas ferraduras , como fica dito.

*Para fazer hum painel , do mesmo
modo , com duas figuras.*

Tomai humas taboas , e nella man-
dai fazer o painel , do tamanho que
quizeres , e seja grossa , para que nel-
la se possam abrir huns canaes , que
venhão os altos a ser como as duas
faces de triangulo direito , e que vão
todos iguaes , tão largos huns , como
os outros , como se vê neste

E X E M P L O .



Tereis então já pintados os dous paineis , e cortá-los-heis tambem em tiras tão largas , como he hum da banda dos canaes , ou triangulos , e por ordem ireis affentando a primeira tira de hum painel na primeira face do triangulo , e logo no segundo a segunda , e assim as outras do primeiro painel. Depois tomai as outras tiras do outro painel , e ponde a derradeira nas costas do triangulo , adonde puzestes a outra primeira , e logo a penultima ponde-a nas costas do triangulo , adonde puzestes a segunda tira do primeiro painel , e assim ide pondo as outras por esta mesma ordem , e ficareis então fazendo hum painel , que tenha duas figuras , huma , que fe veja da ilharga esquerda , e a outra da ilharga direita.

Outra invenção destas figuras.

Esta taboa assim feita em triangulos , como fica dito , fe desta fórte quizeres fazer hum painel curioso , fareis que os triangulos fiquem atravessados

fados da mão esquerda para a direita, e assim lhe poreis as figuras, nem mais, nem menos, como fica dito no painel de duas figuras. Mas a figura de cima lhe poreis os pés para cima, e a cabeça para baixo. depois ponde hum espelho por cima, ao modo de guarda pó, e ponde o retablo em lugar de altura boa de hum homem, vereis huma figura fronteira, e a outra figura ficar-se-ha vendo no espelho. E se lhe puzeres cortina quando tiveres coberto o retablo, tambem não vereis cousa alguma no espelho; e quando o descobrires, então vereis a do espelho, e a outra fronteira.

Outra invenção destas figuras.

Daniel Barbaro enfina a fazer huma figura, de modo que vista a mesma figura de huma ilharga pareça outra cousa differente, do que parece de frente. E diz assim na sua *quinta parte cap. 1. e 2.* de sua Perspectiva: Tomai huma folha de papel, na qual debuxareis duas cabeças humanas, ou
o que

o que quizeres, depois picai estas figuras, que debuxastes, com hum alfinete grosso, que fiquem os buracos grandes; depois tomai a taboa aparelhada, aonde quereis pintar as mesmas duas cabeças humanas, a qual estará muito plana, e polida; tomai depois o papel, que está picado, e ponde-o sobre a cabeça da taboa, que fique o papel justo com os cantos da taboa, como se ella fora huma parede, e o papel que fôsse taboa, que fique em esquadria perfeita; depois de teres isto assim feito, endireitai a taboa com o fio, ou talho ao Sol, segundo sua altura, até que passando os rayos pelos pontos picados do papel, que são como entrevistas, se veja na taboa, que os rayos do Sol escrevem as ditas cabeças humanas; e assim como as riscas apparecerem, assim as debuxareis, as quaes serão largas, e estreitas, em fórma, que pondo-vos a huma parte da taboa, não vos parecerão cabeças, mas humas linhas direitas, e outras tortas, sem fórma alguma;

guma ; mas fe vos puzeres ao ponto donde vierão os rayos do Sol , então vos apparecerão as cabeças , assim como estão debuxadas. Mas ha de fupprir aqui a habilidade do Pintor perspectivo , que depois confôrme a estes lincamentos , que apparecem fóra do ponto , ha de saber diffimular as linhas , e a testa ha de fazer que pareça hum rochedo , e do narís ha de fazer hum tronco , e da boca , e barba ha de fazer as raízes , e dos bigodes ha de fazer huma fonte , ou o que melhor lhe parecer ; mas guardando sempre as linhas principaes , e dando as côres em as partes , que vir que são necessarias para não desfazer o debuxo principal ; e póde fazer rios , ferras , longes , e pertos , em o mais campo da taboa , que fiquem vendo-se , não da ilharga donde leve a figura , senão da vista fronteira ; e para isto não tem necessidade de ufar de papel picado , senão pintar á vontade , para diffimular a figura principal. E note-se , que tambem os rayos da candêa podem servir ,
como

como fervem os do Sol. O mesmo Author, na sua nona parte, traz hum instrumento do modo de pôr as cousas em perspectiva, que tomou de Alberto Dureiro: quem o quizer saber, nestes dous Authores os pôde vêr.

EXEMPLO DO SOBREDITO.



*Modo facil para copiar huma Cidade,
ou outra qualquer cousa.*

Para com facilidade poderes copiar huma Cidade, fareis hum quadrado do tamanho, que quereis copiar a Cidade, e ponde-lhe huma rede estirada, de modo que fiquem as malhas todas direitas na sua proporção. Depois no papel, ou taboa, em que quereis

feis copiar, fazei a mesma rede de riscas com outras tantas malhas. Depois ponde-vos de paragem, donde descubrais a Cidade, e donde vos fique melhor, e ponde o olho em hum ponto, para que não percais a vista perfeita do perfil, e assim podeis facilmente copiar; porque a torre, que fica em huma malha da rede, buscai nas riscas a malha, que lhe responde, e alli ponde a torre; e na outra malha, aonde apparece a arvore, ponde-a tambem na outra, que lhe responde no papel, e assim, pouco, e pouco podeis copiar a Cidade, ou o que quizeres.

E se o que quereis copiar he coufa de pintura, tambem se póde copiar fazendo huma grade na pintura, que responda ás ditas malhas; e outra no papel, ou painel, em que quereis copiar, e assim podeis ir pelas malhas copiando, pouco, e pouco.

Daniel Barbaro na sua nona parte cap. 5. ensina outro modo de copiar Cidades, e tudo o mais que quizerem, e diz assim; Fazei hum buraco detraz

detraz de huma janella, da banda de dentro, na proporção, e distancia donde vos fica fronteira a Cidade, ou o que quereis ver, e o buraco seja tamanho como he o vidro de hum oculo. E tomai hum oculo de velho, que tenha algum tanto de corpo no meyo, e não seja concavo, como os oculos de moços, que tem a vista curta, e encaixai este vidro no buraco determinado, cerrai depois toda a janella, e as portas, da estancia, onde quereis fazer isto, de modo que não tenhais mais luz, que aquella, que vem do vidro.

Tomai depois huma folha de papel, e ponde-a descontra o vidro tanto apartado, que vejais miudamente na folha de papel tudo aquillo que está fóra de casa, o que se faz em huma determinada distancia, mais distinctamente: o que achareis encoftando, ou apartando a folha de papel do vidro até que acheis o sitio conveniente. E assim vereis no papel as cousas, que quereis, na fórma em que ellas estão; mas importa fazer isto em dia claro, e com

e com o Sol muito formoso e fazendo experiencia, vereis que vidro melhor representa, e o que representar ireis perfilando, estando firme o papel, que se não perca o perfil.

Outro modo.

Para copiar huma Cidade, ou o que quizeres em breve espaço, tomai hum espelho, ou hum vidro claro, crystallino, do tamanho que quizeres, e ponde-o em paragem donde possais nelle bem ver o que quereis copiar, e então na representação, que vos fizer, ireis com o pincel lançando as linhas principaes, e o perfil do que quereis copiar, e seja com alguma tinta de oleo. Depois que dentro no espelho, ou vidro tiveres escrito, e perfilado tudo, tomai outro tamanho papel limpo, e ponde-o sobre os perfiz, que estão já no espelho, ou vidro, para que o papel o receba em si. Depois de enxutos, no papel o podeis picar muito miudo, e depois esterzilo ás direitas; porque no espelho fica ás
avessas,

aveffas , e pelos perfiz certos podeis ir colorindo , do mefino modo que as coufas vos apparecem , a muralha , a torre , as cafas , &c.

Outro modo de copiar.

Para fazer hum retrato do tamanho do vivo fe ha de guardar esta ordem , para que depois fe possa fazer bem ao vivo , e Iconico. Tomai hum vidro do tamanho do rosto , que quereis retratar , e ponde-lho no rosto , que tome todo o perfil , que melhor vos parecer , perfilai , e o perfil ferá com tinta de oleo , affim como difsemos acima. Depois tomai huma folha de papel , e ponde-a fobre os perfiz , que já eftão no vidro , para que os receba , e depois o picai muito bem , e por elle affim picado podeis eferzir , e ficará ás direitas ; porque o perfil tambem foi ás direitas. Depois podeis ir colorindo , tendo diante a peffoa , que retratais ; porque como o perfil eftá ao certo , muito facil ferá , a quem fabe , depois imitar ao vivo.

Para

Para fazer vernís.

Para se fazer vernís , que usão os officiaes de gadamexins , se faz nesta fórma : Tomai a graxa que quizeres, e oleo de linhaça , igual parte , e ponde a ferver assim a graxa como o oleo, cada hum em seu pucaro., e para saber quando estão em fazão , a graxa se meneará com hum páo , e como não tiver graã , que desfazer , então está já em fazão : e o oleo para se saber quando está servido , mettei-lhe huma penna dentro , e se estalar , já está cozido. Depois misturai huma coufa com a outra , assim em quente , e quando o quizeres usar , aqueantai-o ao Sol , ou ao fogo , e estendei muito bem , achareis que tem lustro bastante , e he secante : mas no branco se não dê , porque não faz obra boa : mas nas mais côres sim.

Outro modo.

Outro modo de fazer vernís he para madeira , e se faz assim : Tomai
duas

duas partes de almecega, e trementina de betã huma parte, fezês de ouro as que quizeres, hum, ou dous dentes de alho, e de oleo quatro partes, ferva-se o oleo, e logo na fervura se lança a almecega, e logo as outras coufas, e se quereis que seja cheiroso, bota-lhe o cheiro que quizeres, e ponde-o a curar ao Sol; e quando o quizeres usar, seja quente, e estendei bem.

Para fazer betume de imbutir, que pareça marchetado.

Para fazer betume para imbutir, se fará deste modo: Tomai Lacre pizado, e pez, ou refina, e fervido tudo, mas não muito fervido, porque se faz levado, deitai-lhe a côr que quizeres moída muito bem, e depois bota este betume, assim quente, nos debuxos, que tiveres lavrados; e depois de secco lavrai com a garlopa, e ficara muito bem imbutido, que pareça marchetado.

Para

Para fazer tinta preta para pergaminho.

Para huma canada de vinho branco , e se for vinho branco verde , tanto melhor , lançaí quatro onças de galhas partidas , e estejáo de molho dez , ou doze dias , mexendo-as duas , ou tres vezes cada dia ; e depois destes dias coai este vinho , e ponde-o ao lume até que queira começar a ferver , e então o tirai fóra do lume , e lhe lançaí tres onças de caparroza , mexendo por espaço de quatro Credos , e isto feito estarão prestes tres onças de gomma liquida como termentina , que tereis já feita em agoa , e botando-a no vinho , a mexei outro tanto ; depois deixai isto affim dous , ou tres dias , mexendo cada dia duas , ou tres vezes ; depois coai esta tinta , e usai della , ferve tambem para pergaminho.

Outro modo.

Para huma canada de tinta , tomaí cinco onças de galhas , e quatro de ca-

H parroza,

parroza, e tres onças de gomma, e quatro quartilhos de vinho branco, o qual se repartirá pelos materiaes, que cada hum por si se fará em humas porcelanas, quebrando primeiro os materiaes; estejão assim quatro, ou cinco dias, mexendo-os cada dia; depois deste tempo, tomai as galhas, e fervão em duas, ou tres fervuras, e depois de coadas por hum panno, estando assim quente, lhe lançai a gomma, e caparroza, e esteja quatro dias assim, mexendo-se cada dia duas vezes; depois tornai a coar, e esteja dois dias até que se assente, e logo se pôde usar.

Outro modo para pergaminho.

Para huma canada de tinta tomarão tres quartilhos de agoa doce, e hum quartilho de vinagre em huma pannela nova, e deitar-lhe-hão dentro quatro onças de galhas, e quatro onças de caparroza, e quatro de gomma Arabica, as galhas serão machucadas, e a caparroza será moída, e tudo isto junto estará de molho dez, ou doze dias,

dias , e cada dia o mexeráõ ; e depois deste tempo , porão a panèlla ao fogo a ferver hum bom pedaço , e depois se ponha a esfriar , e coada por hum panno de linho , logo se póde escrever com ella , e he a melhor para pergaminho.

Outro modo.

Tomaráõ seis onças de galhas de Flandes , e quatro de caparroza , e tres onças de gomma Arabica , e huma canada de agoa de cisterna , e poráõ esta agoa com as galhas machucadas ao Sol , mexendo-as com hum páo de figueira , e dahi a dous dias lhe botaráõ a caparroza , e acabados outros dous dias lhe botaráõ a gomma , e depois se porá ao fogo , que dê huma fervura ; e depois coar-se-ha por hum panno de linho , e use-se.

Outro modo , e mais commum.

Tomaráõ para huma canada de tinta preta , huma canada de agoa de cisterna , ou de chuva , e quatro onças de galhas miudas , e crespas , e estaráõ de molho dez , ou doze dias , com as partirem pri-

meiro em tres, ou quatro partes, e mēxêlas cada dia; e acabado este tempo lhe potaráõ dentro na panella, que será vidrada, tres onças de caparroza moída, e estará assim com as galhas dous dias, depois destes dias tomai tres onças de gôma Arabica, bem pizada, ou liquida como mel, e estará assim outros dous dias, e acabado este tempo, porãõ a panella ao fogo, e ferverá duas fervuras; e depois a coaráõ por hum panno, e logo se póde usar: e se quizerem que seja mais preta, botem-lhe menos agoa de cisterna, do que digo no principio.

Tinta para pergaminho.

Tomaráõ de vinho branco sobre o verde meya canada, e tres onças de galhas, e duas de caparroza, e duas de gomma, e farãõ como qualquer das outras tintas: advertindo, que no cozimento se lhe podem botar folhas de louro, ou cascas de romaã, ou de noqueira, e pedra hume; depois muito bem tapada se porá ao sereno por alguns dias, e usar-se-ha.

F I M.



<http://biblioteca.ciarte.pt>